



UnB

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

MARCOS FRANÇA DA SILVA

ANTES QUE TERMINE A NOITE
ROTEIRO DE CURTA-METRAGEM SOBRE AFETIVIDADE ENTRE HOMENS GAYS EM
BRASÍLIA

BRASÍLIA – DF
MAIO DE 2021.

MARCOS FRANÇA DA SILVA

ANTES QUE TERMINE A NOITE
ROTEIRO DE CURTA-METRAGEM SOBRE AFETIVIDADE ENTRE HOMENS GAYS EM
BRASÍLIA

Memorial de produto apresentado ao curso de Comunicação Organizacional da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional.
Orientadora: Profa. Me. Érika Bauer de Oliveira.

BRASÍLIA – DF
MAIO DE 2021.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que abdicaram de seus sonhos para que os meus não conhecessem limites.

À minha mãe Leida França, minha pedra fundamental, que me ensinou o ofício, a dor e a grande alegria de viver.

Ao meu pai Vanildo Pereira da Silva, que me ensinou como ser um homem doce e a nobreza da simplicidade.

Ao meu irmão Marcelo França da Silva - pai, mãe, irmão, filho, mestre, melhor amigo e porto seguro -, que sonhou comigo os meus sonhos e abriu todas as portas do mundo para mim. A você, *Hermanito*, Cabeção, que conquistou e abriu mão do sonho da UnB para que tantos anos depois eu pudesse realizá-lo por nós dois, meu infinito amor e gratidão.

Ao meu irmão Marcio França da Silva, que insiste em me amar apesar de quem eu sou, e me mostrou, ainda criança, a beleza e a grandeza de ser artista.

Às minhas tias Nely e Célia França, que todos os dias me ensinam de maneiras diferentes o que é amor. E o que é família.

À minha tia Sônia Maria Assis França, mais minha do que qualquer um que carregue meu sangue, que *sempre* acreditou e vibrou com as minhas mais pequeninas conquistas e guardou, até o seu último dia de vida, a primeira história escrita por mim aos oito anos de idade. “Antes que termine a noite” é a segunda.

À minha madrinha Maria Maristela Lima Silva, estrela do mar que me adotou e amou como filho, parceira incansável de tantas aventuras.

À Andrea Assis França, que nunca saiu do meu lado depois que os nossos caminhos se cruzaram, e sabe ser tudo o que eu preciso, quando eu preciso: minha mãe, minha irmã, minha amiga, minha certeza de porto seguro na tempestade.

Ao Lucas Machado Morgado, meu primeiro e eterno amor, dono dos olhos e de um dos corações mais doces que já conheci. Perceber meu amor por você foi como encarar a imensidão do mar pela primeira vez. Isso mudou tudo. Para sempre.

À Silvia Bertoldo Guerreiro, meu farol, minha carteira branca, minha estrelinha azul, que me educou e salvou de todas as maneiras que uma pessoa pode ser salva. Te amar brutalmente – e ser brutalmente amado por você – é parte de quem eu *sou*. E esta história é também sobre nós.

Aos meus amigos e ARTISTAS GIGANTES Francis Wilker, Luiz Fernando Lubi Marques e Rômulo Mendes, pela generosidade de ler o primeiro esboço de “Antes que termine a noite”, iluminar minhas ideias com seu talento e me ajudar a contar esta história como ela merece.

À Natália Brandino, minha grande amiga há quase 15 anos, que eu vi crescer e se tornar a mulher corajosa que se casou com outra grande mulher, e a produtora de cinema que tem filme inscrito para representar o Brasil no Oscar – e generosamente assina a proposta de projeto executivo para levar “Antes que termine a noite” do papel para a tela.

Ao Tiago Vaz, que entrou há meia hora na minha vida e ocupou tanto espaço no meu coração – e já assina, entre tantas coisas, a arte de capa do roteiro de “Antes que termine a noite”.

À Bárbara Paiva, fotógrafa de talento monumental, que antes mesmo de me conhecer disse sim a este projeto e se aventurou pela madrugada de Brasília ao meu lado para fazer as fotos lindas que me ajudam a contar esta história.

A todos e todas as professoras e amigas extraordinárias que o curso de Comunicação Organizacional me apresentou, de quem eu recebi tanto e pude retribuir tão pouco. A vocês o meu carinho, admiração, respeito e gratidão.

À Rosa Helena Santos de Jesus, nossa Rosinha, secretária de Comorg, pelo abraço, sorriso e disposição em ajudar que nunca me faltaram quando mais precisei.

À minha orientadora, professora Érika Bauer de Oliveira, que me ajudou a gestar esta história.

À professora Elen Geraldês, que mesmo de licença atendeu ao meu pedido, leu o roteiro e ofereceu diversas contribuições.

À professora Janara Sousa, cujo compromisso e dedicação com o aprendizado de seus alunos dentro e fora de aula me inspirou profundamente e me fez reacreditar no ensino superior.

Aos queridos professores Carlos Henrique Novis e Ellis Regina Araújo da Silva, que me ensinaram tanto durante esses anos, pela disposição e carinho com que aceitaram meu convite para compor a banca e por estarem ao meu lado no encerramento dessa jornada.

À Leticia Olivares, pela revisão atenciosa e afetuosa.

À Brasília, meu lar, e aos Pedros e Gabrieis que dividiram comigo o infinito de tantas noites e inspiraram esta história.

“Se existe a escuridão opressiva ao nosso redor, nossa função é brilhar. Exatamente como os vaga-lumes, que só brilham se houver escuridão e são tanto mais vaga-lumes quanto mais escuro estiver o entorno. Talvez pareça estranho que sua luz precise das trevas para ser luz, como se ‘feita da matéria sobrevivente [...] dos fantasmas’, no dizer do filósofo francês Georges Didi-Huberman. Mas aí exatamente se encontra aquela capacidade de renascer das cinzas, como fantasmas iluminados, que emitem sinais de liberdade na noite. ‘O infinito recurso dos vaga-lumes é sua essencial liberdade de movimento, sua faculdade de fazer aparecer o desejo como indestrutível por excelência’, lembra Didi-Huberman. Não por acaso, é justamente no meio das trevas que se efetua a dança viva dos vaga-lumes, ‘esse momento de graça que resiste ao mundo do terror’, apesar de fugaz e frágil. E que dança é essa? Não é ‘nada mais [...] do que a dança do desejo formando comunidade’”.

**João Silvério Trevisan
(Devassos no Paraíso)**

RESUMO

Este memorial apresenta as principais questões, referências, processos e estratégias que inspiraram e orientaram a execução do produto “Antes que termine a noite: roteiro de curta-metragem sobre afetividade entre homens gays em Brasília”, apresentado como trabalho de conclusão do curso de Comunicação Organizacional da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. O roteiro, que conta a história de dois homens gays que se conhecem em um ponto de sexo casual em Brasília e passam a madrugada juntos caminhando pela cidade, explora como a liquidez dos sentimentos na modernidade se relaciona com fenômenos como a mercantilização do afeto e do desejo, em especial no contexto de homens homossexuais, e a influência da arquitetura nos relacionamentos humanos, usando a cidade como metáfora para apresentar os conflitos vivenciados pelos personagens.

Palavras-chave: roteiro, curta-metragem, Brasília, homossexualidade, afetividade.

ABSTRACT

This memorial presents the main questions, references, processes and strategies that inspired and guided the creation of the product “Before the night is over: short film script about affectivity among gay men in Brasília”, an undergraduate final project for the Organizational Communication course of the Faculty of Communication of the University of Brasilia. The script is about two gay men who met at a casual sex spot in Brasilia and spent an entire night together walking around the city. It explores how the liquid feelings in modernity relate to phenomena such as the commodification of affection and desire, especially in the context of homosexual men. Furthermore, the city is a metaphor for the conflicts experienced by the characters and used to show the influence of architecture on human relationships.

Keywords: script, short film, Brasília, homosexuality, affectivity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Montagem com fotografias do filme <i>Um clássico, dois em casa, nenhum jogo fora</i> de Djalma Batista	22
Figura 2 - Cena do filme <i>Hoje eu quero voltar sozinho</i> , outro clássico jovem do cinema brasileiro LGBTQIAP+, começou com um curta-metragem de 17 minutos.....	22
Figura 3 - Resultado de pesquisa no Google com as tags “sexo parque da cidade”.....	29
Figura 4 - Cartaz do filme <i>Afronte</i> . Trabalho de conclusão de curso de estudantes da UnB que encantou o mundo também conquistou a ira do presidente Bolsonaro.....	35

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
OBJETIVOS.....	13
JUSTIFICATIVA.....	14
PROBLEMA DA PESQUISA.....	17
REFERENCIAL TEÓRICO.....	19
Cinema brasileiro: homossexualidades marginalizadas.....	20
Curta-metragem: síntese x profundidade.....	21
Afetividade e homossexualidade na contemporaneidade: liquidez e mercantilização dos afetos e desejos.....	23
(Homo)afetividade em Brasília: o desejo resiste.....	26
Brasília: “espaço calculado para as nuvens”.....	31
Estado da Arte: <i>Afronte</i> floresce como um ipê na seca.....	33
<i>Antes que termine a noite</i> : uma versão <i>queer</i> brasiliense de <i>Antes do Amanhecer</i>	35
METODOLOGIA.....	39
Primeiro tratamento.....	42
Segundo tratamento.....	43
Terceiro tratamento.....	45
Quarto tratamento.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50
ANEXO I – ARGUMENTO.....	55
ANEXO II – ESCALETA.....	57
ANEXO III – PROPOSTA DE ARTE DE CAPA.....	66
ANEXO IV – ENSAIOS FOTOGRÁFICOS PARA MOODBOARD.....	69

APRESENTAÇÃO

“As pessoas vão pra transar, comprar droga, pra conversar, pra se sentirem menos sozinhas. Acho que são os quatro pontos principais que levam uma pessoa a sair de casa de madrugada pra ir andar no parque da cidade” (BATE-BATE, 2016). Essas são as palavras que encerram o minidocumentário *Bate-bate*, que investiga a prática de *dogging*¹ e *cruising*² no Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek, em Brasília. O filme, produzido pela estudante Silvia Bertoldo Guerreiro durante o curso de jornalismo na Universidade Católica de Brasília (UCB), mostra, de maneira sensível e instigante, como se dão os encontros afetivos entre homens no coração da capital, a poucos metros do epicentro do poder.

Os relatos compartilhados em *Bate-bate*, que tive a oportunidade de auxiliar na captação, somados a vivências próprias e outras referências literárias³ e cinematográficas⁴, foram as sementes do desejo de transformar, quatro anos depois, em um Trabalho de Conclusão de Curso, o filme e, posteriormente, pela impossibilidade de filmá-lo em virtude da pandemia de COVID-19, o roteiro do curta-metragem de ficção idealizado ao longo da disciplina Roteiro, Produção e Direção para Web, Vídeo e Cinema, ministrada pela professora Erika Bauer de Oliveira. O projeto de *Antes que termine a noite*, em clara alusão à *Trilogia do Antes*⁵, de Richard Linklater, propõe-se a contar a história de dois homens que se conhecem em um ponto de sexo casual em Brasília e passam a madrugada juntos desvendando detalhes da capital e de si mesmos.

Pioneira, a pesquisa Mosaico Brasil, realizada em 2009 pelo Projeto Sexualidade (Prosex), do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, entrevistou 8.200 pessoas de 10 capitais brasileiras na tentativa de identificar o número de gays, lésbicas e bissexuais.

¹ “Atividade sexual entre pessoas em um lugar público”, em livre tradução do Cambridge Advanced Learner's Dictionary & Thesaurus, da Cambridge University.

² “Sexo gratuito, consensual e anônimo praticado entre homens em espaços públicos, tais como parques, matas, praias e estacionamentos. Os envolvidos não se conhecem e recorrem a estes locais para obter satisfação sexual imediata e desprendida” (MAIA; REPINA; AIMI, 2016), em livre tradução.

³ TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**. 4ª Edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

⁴ *O Beijo da Mulher Aranha* (1985), de Héctor Babenco; *Direito de Amar* (2009), de Tom Ford; *Do Começo ao Fim* (2009), de Aluizio Abranches; *Weekend* (2011), de Andrew Haigh; *Um Estranho no Lago* (2013), de Alain Guiraudie; *Praia do Futuro* (2014), de Karim Aïnouz; *Moonlight: Sob a Luz do Luar* (2016), de Barry Jenkins; e *Me Chame Pelo Seu Nome* (2017), de Luca Guadagnino.

⁵ *Antes do Amanhecer* (1995), *Antes do Pôr-do-Sol* (2004) e *Antes da Meia-Noite* (2013), que contam a história do encontro e reencontros das personagens Celine e Jesse ao longo de 18 anos, em que cada filme se passa no intervalo de algumas horas de um único dia.

De acordo com a pesquisa, Brasília é a segunda cidade com maior índice de gays e bissexuais masculinos, com 10,8%. O Rio de Janeiro ocupa a primeira posição, com 19,3%.

Apesar disso e das importantes conquistas históricas e recentes para a população LGBTQIAP+⁶ no mundo, no Brasil e no DF, como a despatologização das homossexualidades e transexualidades pela Organização Mundial da Saúde (OMS); o reconhecimento da união civil entre pessoas do mesmo sexo; a permissão para retificação de nome e gênero no registro de transexuais; e a criminalização da homofobia, não ser reconhecido como cisgênero e heterossexual continua sendo perigoso. De acordo com relatório de uma das maiores organizações para os direitos LGBTQIAP+ do País – o Grupo Gay da Bahia –, uma pessoa lésbica, gay, bissexual, trans ou travesti é assassinada a cada 19 horas, em média, no Brasil (GEPP, 2019).

Para além da violência física, mesmo diante de uma maior inclusão de pessoas LGBTQIAP+ no mercado de trabalho, inclusive no DF, como destacado em matéria do portal Metrôpoles⁷, o mundo corporativo, em regra, continua homofóbico: “De acordo com estudo feito recentemente pela rede social LinkedIn com mais de mil profissionais de diversas regiões do país, 35% dos entrevistados LGBTQIAP+ já sofreram algum tipo de discriminação velada ou direta” (GEPP, 2019).

O medo da violência e da discriminação faz com que muitas pessoas não se sintam seguras para compartilhar ou mesmo vivenciar sua identidade de gênero ou orientação sexual, buscando espaços mais reservados ou pouco convencionais para se expressar afetiva e sexualmente, como banheiros públicos, saunas e parques. É o caso de muitos homens que transitam pelos estacionamentos e bosques do Parque da Cidade de Brasília, conforme evidenciado nos depoimentos compartilhados em *Bate-bate* (2016): “A maioria ali são homens casados, muitos mesmo. Homens que são conhecidos pela sociedade ou homens que apenas têm uma família e têm um medo grande de ser reconhecido. Não é assumido”.

Essa dinâmica foi descrita no artigo “O automóvel e o rapaz, notas sobre a pegação masculina na cidade”, de Anselmo Clemente (2016):

⁶ LGBTQIAP+ é uma sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli e mais. Disponível em: <https://orientando.org/o-que-significa-lgbtqiap/>. Acesso em: 4 nov. 2019.

⁷ CAMPOLI, Clara. Orgulho no balcão: casas *gay friendly* fazem questão de contratar LGBTs. **Metrôpoles**, Brasília, 28 jun. 2019. Disponível em: <https://www.metropoles.com/gastronomia/orgulho-no-balcao-casas-gay-friendly-fazem-questao-de-contratar-lgbts>. Acesso em: 4 nov. 2019.

À medida que a noite avança sobre o dia, mesmo que imperceptível aos olhares menos atentos, diante do jogo de claro-escuro próprios do anoitecer e da iluminação artificial dos postes, é possível observar a coreografia dos carros que circulam ao redor desse espaço. Como vaga-lumes, eles perambulam numa estranha dança. Nesse jogo, digamos, homoerótico automotivo desenvolve-se uma série de codificações que decorrem da prática da pegação. Num perímetro definido, os veículos rodam, param um do lado do outro, tornam a circular prosseguindo o ritual da caça. É possível perceber como a cena de pegação é ditada pela quantidade de veículos. E assim, muitas vezes, o ritual segue a noite inteira até o amanhecer.

É importante ressaltar também que há uma grande diversidade de perfis e ambições entre os homens que recorrem a espaços como o Parque da Cidade, como resalta Clemente (2016) no mesmo artigo:

[...] não se restringe a uma prática sexual ou a uma identidade específica. É claro que seu exercício também funda identidades, mas, antes, também funda territórios existenciais, qualidade de relação entre as pessoas, códigos de comunicação. Nesse contexto, a circulação homoerótica nos espaços de pegação é plural, dado que por eles passa uma infinidade de homens com registros de masculinidade muito diferentes.

Diante desse cenário, “Antes que termine a noite” se firma em três eixos de exploração: a vivência da afetividade e sexualidade na contemporaneidade por homossexuais; como Brasília pode impactar a experiência da homoafetividade entre homens; e como a linguagem do curta-metragem, com seu poder de síntese, pode ser capaz de contar com profundidade a história de um encontro que é pano de fundo para essas reflexões.

Mais objetivamente, o projeto se propõe a desenvolver um roteiro de curta-metragem de ficção, com duração de até 30 minutos, que discuta a afetividade de homens gays em Brasília, bem como os diversos sentimentos envolvidos em um relacionamento que se inicia. Neste sentido, buscará investigar questões como a dualidade de desejos entre sexo, descompromisso e intimidade; o poder e a beleza do acaso e da finitude; a existência de uma espécie de multiverso escondido no centro de Brasília e do poder, que se estabeleceu como um espaço seguro para a exploração da afetividade e do desejo marginalizados entre LGBTQIAP+; e a influência da arquitetura nos relacionamentos humanos – tudo isso embalado no encontro entre dois homens que dividem o infinito de uma noite.

Pessoalmente, é um projeto que me desafia de diferentes formas. Convida-me a navegar pelas águas da escrita e da produção cinematográfica – uma paixão antiga que foi reforçada pelo curso já no primeiro semestre, ao frequentar a disciplina “Linguagens da Comunicação 1” – e a contar histórias de uma maneira diferente do jornalismo, onde comecei a trilhar minha jornada na

comunicação. Mas, especialmente, é uma oportunidade de dialogar mais com uma parte de mim e da minha história que nunca recebeu muito a minha atenção: minha homossexualidade, que sempre encarei como uma característica muito pequena de quem eu sou – e a qual, cada vez mais, tenho compreendido que não é.

OBJETIVOS

- **Objetivo Geral:**

Produzir um roteiro de curta-metragem que aborde, de maneira sensível e não caricata, o relacionamento entre homens gays em Brasília.

- **Objetivos Específicos:**

- Produzir um roteiro de curta-metragem sobre o encontro de dois homens gays em Brasília;
- Experimentar a linguagem do filme curta-metragem na junção entre síntese e profundidade;
- Retratar, sutilmente, possíveis conflitos que possam existir entre dois homens gays na vivência de sua sexualidade e afetividade na contemporaneidade;
- Mostrar como Brasília pode ser cenário e impactar o relacionamento entre homens gays, com seus espaços de vivência;
- Retratar experiências e lugares menos hegemônicos de Brasília;
- Proporcionar aos espectadores – em especial ao público LGBTQIAP+ – a sensação de identificação com a história;
- Possibilitar que homens gays e a comunidade LGBTQIAP+ encontrem representatividade em um filme idealizado e escrito por membros dessa comunidade.

JUSTIFICATIVA

João Bôsko Hora Góis, em *Homossexualidades Projetadas* (2002), ao analisar os estudos de Moreno (2001) sobre a representação do homossexual no cinema brasileiro, afirma que “Os debates recentes sobre identidade coletiva têm, entre outros temas, enfatizado os modos como os grupos minoritários são afetados por imagens veiculadas sobre eles nos diferentes meios de comunicação” (p. 515). Utilizando como exemplo a televisão, Góis apresenta a análise de Pierre Bourdieu sobre o assunto: “Os perigos inerentes ao uso ordinário da televisão devem-se ao fato de que a imagem tem a particularidade de poder produzir o que os críticos literários chamam o efeito real; ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver” (2002, p. 515).

Embora o objetivo desse trabalho, a princípio, fosse produzir um filme curta-metragem, em virtude da pandemia de COVID-19 que se instalou no Brasil no início de 2020 e já vitimou mais de 420 mil pessoas no país desde então, a solução encontrada foi redigir o roteiro de um filme curta-metragem que pudesse ser inscrito em editais de fomento à produção audiovisual e, mais tarde, filmado adequadamente e inscrito em festivais de cinema – em especial os voltados a curtas-metragens e produções de temática LGBTQIAP+. A escolha do formato de curta-metragem, por sua vez, ampara-se em cinco fatores estratégicos: essa ser a minha primeira experiência de redação de um roteiro cinematográfico ficcional; maior probabilidade de filmá-lo posteriormente devido ao menor custo envolvido na produção de um curta-metragem em comparação a um longa; mais facilidade para, uma vez filmado, distribuí-lo em plataformas on-line gratuitas, como o YouTube; diversidade de festivais para inscrevê-lo, como Mix Brasil, Outfest e Outshine; possibilidade de transformá-lo em um longa-metragem ou mesmo em uma série depois, a exemplo do que aconteceu com outras produções, como *Hoje Eu Quero Voltar Sozinho* e *Afronte*.

De maneira geral, ainda há poucos filmes com temática LGBTQIAP+ produzidos no Brasil. Os que temos, em sua maioria, têm como foco a denúncia, abordando questões como o preconceito e violência explícita que permeiam a vida de homossexuais e transexuais – uma temática de importância inquestionável. Poucos se dedicam, no entanto, a contar histórias que levem em conta a subjetividade da vivência da sexualidade e afetividade pelos indivíduos de um grupo tão grande que, em comum, muitas vezes possui apenas a orientação ou o comportamento sexual.

Neste sentido, apesar de ser uma história comum sobre um homem cisgênero, classe média brasileiro, cujo comportamento afetivo e sexual é impactado de várias formas pelas suas vivências, “Antes que termine a noite” pode ser a história de muitos homens gays, jovens ou não, brancos ou não, cis ou não, classe média ou não.

Representar essas pessoas e essas experiências é, portanto, fundamental, inclusive enquanto ato de resistência, especialmente num cenário político em que as políticas públicas de fomento a produções desta natureza estão sob ameaça. Em agosto de 2019, por exemplo, o presidente Jair Bolsonaro vetou o edital da Ancine que previa a produção de séries com as temáticas “diversidade de gênero” e “sexualidade”. Entre elas, *Afronte*, projeto dos cineastas brasileiros Bruno Victor Santos e Marcus Azevedo, egressos do curso de audiovisual da Universidade de Brasília (UnB) (MARTINS, 2019). A decisão foi suspensa em outubro daquele ano pela Justiça Federal no Rio de Janeiro (G1, 2019), mas as declarações do presidente sobre o projeto deixam pouca esperança de qualquer apoio governamental.

Além disso, há o desejo de contribuir no debate sobre as possíveis relações da cidade com a vivência da homoafetividade entre homens, tendo em vista que o Parque da Cidade, espaço público de Brasília já tradicional para o encontro de homens gays, frequentemente é alvo de novas tentativas de privatização pelo governo do Distrito Federal, como a que ocorreu em 2016 (METRÓPOLE, 2016) e previa medidas como, por exemplo, o fechamento noturno do parque, momento de maior uso pela comunidade LGBTQIAP+ em decorrência da incidência de violência ao expressar publicamente sua afetividade.

Embora, em um primeiro momento, eu tenha ficado bastante receoso diante da ideia de expor um dos poucos espaços em que pessoas LGBTQIAP+, ou não, sentem-se minimamente seguras e confortáveis para vivenciar experiências exploratórias de sua sexualidade em Brasília, cheguei à conclusão de que, já há algum tempo, as vivências desse grupo no Parque da Cidade não são exatamente um segredo para as autoridades públicas e o conjunto da sociedade. Prova disso são as recorrentes medidas de restrição de acesso adotadas por diferentes governos aos espaços comumente utilizados para encontros homossexuais no parque, como os estacionamentos 1 e 2 do Pavilhão de Exposições, bem como a vigilância policial seletiva que ocorre sobre o grupo nesses locais. A ampla cobertura e o tom adotado pela imprensa na publicização do fenômeno também mostra que a prática de sexo no parque da cidade já se tornou de conhecimento público. Em que pese, ainda, o fato de que a narrativa das experiências vivenciadas por pessoas LGBTQIAP+ é

bastante distinta do público heterossexual, adquirindo contornos patológicos e criminais, o roteiro de um filme como “Antes que termine a noite” representa o nosso direito ao contraditório: a única maneira, ao que tudo indica, de dar voz aos personagens que ilustram as matérias sobre o assunto e apresentar um olhar diferente e legítimo sobre as vivências que nos são atribuídas.

Por fim, outra questão que se mostra pertinente estudar é a comum dualidade de desejos na contemporaneidade no que diz respeito à vivência da sexualidade e afetividade, dando visibilidade a conflitos típicos dos novos tempos e possibilidades de relacionamento, experimentados, em especial, por homens gays. Se, por um lado, há uma maior liberdade na vivência do sexo e do prazer que os corpos podem proporcionar, há também a queixa de uma profunda solidão pela comunidade LGBTQIAP+, que ainda se debate entre a reprodução dos modelos de relacionamento sacramentados pela heterossexualidade e as novas possibilidades de vivenciar o sexo e o amor.

PROBLEMA DA PESQUISA

Os dois primeiros grandes desafios que se apresentaram à execução do projeto foram – sendo o cinema “a arte da imagem e não do diálogo”, e o curta-metragem, para o audiovisual, o equivalente ao “conto na literatura ou ao haikai na poesia” (MOLETTA, 2009) – como abordar, em uma narrativa curta e objetiva, a grande quantidade de problemáticas que “Antes que termine a noite” se propôs a explorar, que vão desde a vivência da afetividade e sexualidade na contemporaneidade por homossexuais, marcada pela liquidez das relações humanas e pela mercantilização do desejo e afeto; até a influência de Brasília, com seu planejamento urbanístico modernista e seus espaços de vivência, nessas experiências, colocando a cidade como metáfora para apresentar os conflitos vivenciados pelos personagens.

Sob essa provocação, ao optar por uma narrativa mais dialógica, a exemplo da trilogia de Richard Linklater, que foi umas principais inspirações para o projeto, mostrou-se ainda mais importante conseguir equilibrar a força dos diálogos e imagens. Calibrar esses dois elementos exigiu bastante esforço e diversos tratamentos do roteiro, como fica evidente nos substanciais cortes de diálogos que se deram em todos os tratamentos no intuito de dar mais potência a sequências de imagens que, sozinhas, comunicavam o discurso de maneira ainda mais poética e impactante, e valorizar os recursos da oralidade para atingir, cirurgicamente, questões que, dispondo de pouquíssimo tempo como em um curta-metragem, são mais difíceis de atingir com poucas imagens.

Além disso, outra importante preocupação que se manifestou foi apresentar uma Brasília de espaços e vivências menos hegemônicas e clichês, mas buscando, ao mesmo tempo, uma maior identificação do principal público-alvo do projeto, qual seja a comunidade LGBTQIAP+. O que pode parecer antagônico, a princípio, é na realidade um exercício de buscar com olhos atentos quais os lugares e as histórias que povoam o repertório do brasiliense e das pessoas LGBTQIAP+ na capital. Ou, até mesmo, lançar espaços de simbolismo diferente como cenários para novas experiências. Exemplos disso são a Pira da Pátria, que apesar de pouco divulgado e documentado, é ponto de encontro entre moradores da cidade para conversar e namorar, beber e tocar violão com os amigos ou simplesmente apreciar a beleza monumental da Esplanada dos Ministérios, e o Mastro

da Bandeira, que além de sua função cívica poderia, perfeitamente, ser palco, com seus ferros frios que recortam a luz laranja da noite brasiliense, de um encontro de amor.

Criticar ou defender o planejamento urbanístico de Brasília e como ele influencia nossas vidas e relacionamentos sem ser didático e lugar-comum – e fazer isso mais com a imagem e menos com a palavra, colocando em contato os olhares de quem vive e quem chega à Brasília – foi outra questão sobre a qual o projeto se debruçou. Os discursos dos personagens Pedro e Gabriel caminham, lado a lado, com uma narrativa própria assumida pelas imagens dos espaços de vivência da cidade. O brasiliense gosta e se orgulha de ser como é – mas é possível que sofra da mesma solidão que se queixam os que aqui chegam. Há uma tentativa de abordar essa dicotomia, por exemplo, na própria dificuldade com que se encontra um parceiro sexual em uma situação em que todos estão reunidos com o mesmo objetivo: a dificuldade em dialogar com estranhos e a dinâmica intensa de rejeitar e ser rejeitado é experimentada pelo protagonista e retratada no início de sua incursão pelo Parque. A noite como recorte de tempo da história também reforça o vazio e solidão que permeiam o imaginário de Brasília – em contraste com a disposição para o intenso encontro que os personagens, pouco a pouco e com mais intensidade a cada passo, vão manifestando.

Por fim, resta como exercício narrativo não esgotar as potencialidades da história no roteiro, deixando portas e janelas abertas para explorar em um segundo produto audiovisual, como um longa-metragem ou mesmo uma série, sem que isso torne o curta uma obra inacabada que, necessariamente, careça de continuação. O final do filme é a maior manifestação desse desafio. A despedida dos personagens deve ser um desfecho da história por si só: encerra e reforça a mensagem do filme. Uma eventual nova obra a partir dela traria contribuições próprias à história, para além das já apresentadas no curta.

REFERENCIAL TEÓRICO

A análise do referencial teórico sobre as diferentes questões exploradas em “Antes que termine a noite” consistiu em uma importante ferramenta metodológica para o desenvolvimento do roteiro. Os estudos e materiais analisados guiaram meu olhar ao longo de todo o processo de escrita e tratamento do roteiro, no sentido de ampliar minhas percepções sobre a amplitude dos fenômenos que impactam as vivências dos personagens e, também, como isso ocorre, tornando a narrativa mais alinhada e verossímil.

As leituras realizadas foram imprescindíveis para compreender o contexto histórico em que esse roteiro nasce e como os personagens homossexuais foram representados ao longo do tempo até o momento em que é possível retratar o encontro de dois homens gays como Pedro e Gabriel.

Para organizar o percurso teórico realizado ao longo do projeto, as principais ideias colhidas foram organizadas em seis eixos exploratórios:

- “Cinema brasileiro: homossexualidades marginalizadas”, que aborda a trajetória e as características que marcaram historicamente a representação do homossexual no cinema brasileiro;
- “Curta-metragem: síntese x profundidade”, que aponta as principais características e desafios para a elaboração de um curta-metragem, bem como os limites e potencialidades desse modelo, apresentando exemplos próximos bem sucedidos;
- “Afetividade e homossexualidade na contemporaneidade: liquidez e mercantilização dos afetos e desejos”, em que se busca traçar um paralelo entre os dois fenômenos sociológicos que impactam as vivências afetivas e sexuais de homens gays nos tempos modernos;
- “(Homo)afetividade em Brasília: o desejo resiste”, que narra as conquistas e os principais desafios que se apresentam à comunidade LGBTQIAP+ na capital do país;
- “Brasília: ‘espaço calculado para as nuvens’”, em que se buscam respostas no planejamento urbanístico da cidade e na poesia de quem a teve como lar para compreender algumas características que são frequentemente atribuídas ao comportamento brasiliense;
- “Estado da Arte: *Afronte* floresce como um ipê na seca”, o qual apresenta a produção acadêmica da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília que guarda relação

com os fenômenos explorados em *Antes que termine a noite*, além da inspiradora trajetória do filme *Afronte*; e

- “*Antes que termine a noite*: uma versão *queer* brasileira de *Antes do Amanhecer*”, que traça o fio condutor entre os estudos analisados e as decisões que foram tomadas a partir deles na estruturação do roteiro em relação ao projeto inicial.

Cinema brasileiro: homossexualidades marginalizadas

A personagem homossexual no cinema brasileiro, publicado por Antônio Moreno em 2001, é “até hoje o principal estudo sobre as representações das homossexualidades no cinema brasileiro” (ROSSI, 2009, p. 28). Segundo Moreno (2001), Augusto Aníbal, protagonista de *Augusto Aníbal Quer Casar* (1923), do cineasta Luiz de Barros, foi o primeiro personagem homossexual que alcançou as telas do cinema no Brasil. Na trama, ele se casa com uma travesti e só descobre após o casamento. O choque do público foi tão grande – e negativo – que por mais de duas décadas não se viu “mais nenhuma película com referência ao tema das homossexualidades” (ROSSI, 2009, apud MORENO, 2001, p. 29).

Em *Homossexualidades Projetadas* (GÓIS, 2002), o autor apresenta as três fases da representação do homossexual no cinema nacional organizada por Moreno (2001). Durante a primeira, que foi de 1920 até o início da década de 60, os personagens homossexuais sequer eram reconhecidos dessa forma, tamanho o tabu que o assunto representava. Nesse período, trejeitos e vozes efeminados eram a marca de personagens homossexuais que tendiam para o cômico. A segunda, por sua vez, se deu no início da década de 1960 e contou com mais filmes explorando a temática da homossexualidade. No entanto, a expansão do cinema brasileiro na época focou em temas sociais e políticos menos específicos. Além disso, o arquétipo do homossexual risível seguiu pouco alterado. Já na terceira fase, cujo início se deu na década de 70, a homossexualidade explode como questão em diversos filmes. O perfil dos personagens esboçado nas fases anteriores é consolidado e emplacado na televisão e no rádio por meio da voz e gestos (GÓIS, 2002).

De acordo com Góis (2002, p. 516), “Da análise de filmes de diferentes períodos, Moreno conclui que a tendência majoritária é a de que os homossexuais sejam apresentados como

indivíduos doentes e patogênicos em cujas biografias se encontram associações com o crime, a prostituição e o vício”. Em que pese que a marginalização das homossexualidades seja um traço marcante no olhar do cinema nacional sobre esse conjunto de indivíduos, Góis (2002) enxerga nessa crítica a maior fragilidade do estudo de Moreno (2001). Apesar de não ser compreendido como um reforço positivo à imagem de pessoas LGBTQIAP+ no âmbito da política identitária e de representações mais subjetivas dos indivíduos que integram esse vasto e diversificado grupo, Góis (2002) sustenta que esses personagens existem:

São figuras reais que, com suas crises e histórias dramáticas, habitam a cultura homossexual brasileira e que, portanto, também têm direito a serem apresentadas e representadas. Até porque, ontem e hoje, aqui e alhures, são justamente os tipos mais ‘desviantes’ que normalmente assumem a linha de frente nos enfrentamentos mais duros pelos direitos gays. (GÓIS, 2002, p. 518)

Curta-metragem: síntese x profundidade

Para o filósofo, ator, dramaturgo e roteirista Alex Moletta (2019), o curta-metragem é para o cinema o equivalente ao conto para a literatura e o haicai para a poesia. Deve ser breve, mas intenso.

[...] o curta não abre espaço para discursos vazios ou para servir ao ego do diretor ou do roteirista. Esse formato de cinema tem como principais características a precisão, a coerência, a densidade e a unidade de ação ou impressão parcial de uma experiência humana, ou seja, só deve ser mostrado o que é essencial à história ou ao personagem. (MOLETTA, 2019, p. 12).

Na temática LGBTQIAP+, Djalma Limongi Batista foi um dos pioneiros, em 1969, com o curta-metragem *Um clássico, dois em casa, nenhum jogo fora*. O filme, de acordo com Trevisan (2018, p. 286), foi produzido como trabalho do curso de comunicações e “dissecava um caso de amor entre dois rapazes, em lindíssimas imagens que misturavam amor e morte”.

Figura 1 – Montagem com fotografias do filme *Um clássico, dois em casa, nenhum jogo fora*, de Djalma Batista. Fotógrafo não identificado.



Fonte: Cinemateca Brasileira.

Devido ao menor custo de produção quando comparado a longas-metragens, os curtas são, muitas vezes, utilizados para apresentar e vender a ideia de um projeto mais extenso. É comum a inscrição desses filmes em festivais, por exemplo, para aumentar a visibilidade e angariar recursos. É o caso de *Afronte*, que ganhará uma sequência de 25 minutos e se prepara para ser transformado em série após sair vitorioso do Festival Mix Brasil, e *Eu Não Quero Voltar Sozinho* (2010), do cineasta brasileiro Daniel Ribeiro. Quatro anos depois, a história foi expandida em *Hoje Eu Quero Voltar Sozinho*, lançado em 2014. Vencedor do Festival de Cinema de Berlim e do Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, o filme chegou a integrar a lista dos indicados ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro.

Figura 2 – Cena do filme *Hoje Eu Quero Voltar Sozinho*, outro clássico jovem do cinema brasileiro LGBTQIAP+, começou com um curta-metragem de 17 minutos.



Fonte: Print screen do trailer oficial do filme *Hoje Eu Quero Voltar Sozinho*⁸ (minutagem: 0:48).

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lpHKXyko358>. Acesso em: mai. 2021.

O portal Porta Curtas⁹ possui, atualmente, mais de 12.500 curtas-metragens catalogados que podem ser assistidos na plataforma. A linguagem sintética e o custo reduzido fazem com que o curta-metragem seja um gênero bastante explorado por estudantes e jovens cineastas. No livro *Criação de curta-metragem em vídeo digital: Uma proposta para produções de baixo custo*, Moletta (2019) destaca que as novas tecnologias acessibilizaram ainda mais a produção de filmes curtos. O autor ressalva, no entanto, que alguns elementos são ainda mais importantes que os equipamentos para o sucesso da produção:

Tão importante quanto saber usar corretamente um bom equipamento cinematográfico é saber produzir um filme sem ele; saber escrever um roteiro que possa realmente ser produzido; criar uma boa fotografia sem os refletores ideais; produzir sem dinheiro. Não se trata de desqualificar o processo cinematográfico, mas de qualificar o vídeo digital de curta-metragem. (MOLETTA, 2019, p. 11)

Afetividade e homossexualidade na contemporaneidade: liquidez e mercantilização dos afetos e desejos

Em entrevista concedida à revista IstoÉ, em 2010, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman afirmou: “Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar”. “[...] autor complexo, nonagenário, que dedicou sua vida à Sociologia e à crítica social, tornando-se um dos mais conhecidos e respeitados pensadores e analistas do nosso tempo” (PESSOA, 2018, p. 283), Bauman faleceu aos 91 anos, em 2017, com mais de cinco dezenas de livros publicados. À IstoÉ (2010), defendeu que:

Amor líquido é um amor “até segundo aviso”, o amor a partir do padrão dos bens de consumo: mantenha-os enquanto eles te trouxerem satisfação e os substitua por outros que prometem ainda mais satisfação. O amor com um espectro de eliminação imediata e, assim, também de ansiedade permanente, pairando acima dele. Na sua forma “líquida”, o amor tenta substituir a qualidade por quantidade — mas isso nunca pode ser feito, como seus praticantes mais cedo ou mais tarde acabam percebendo. É bom lembrar que o amor não é um “objeto encontrado”, mas um produto de um longo e muitas vezes difícil esforço e de boa vontade.

⁹ Disponível em: <https://www.portacurtas.org.br/estatisticas/>. Acesso em: maio 2021.

É nesse contexto de modernidade líquida que nasce o enredo do projeto de curta-metragem “Antes que termine a noite: roteiro de curta-metragem sobre afetividade entre homens gays em Brasília”.

Se, por um lado, a liquidez dos relacionamentos humanos na contemporaneidade afeta a todos, por outro é possível que a mercantilização do sexo e do afeto se mostre ainda mais intensa entre homens gays, como sustenta Miskolci (2015, p. 79) ao defender a existência de uma nova economia do desejo entre homens homossexuais:

Nessa economia do desejo, as relações amorosas e sexuais são moldadas pelo mercado, mas têm revelado características pouco ou nada “recreativas”. Há mais de trinta anos, em seu clássico “Capitalism and Gay Identity”, John D’Emilio (1982) defendeu a tese de que as homossexualidades como as compreendemos emergiram graças ao desenvolvimento do mercado de trabalho individualizado, no qual pessoas puderam ter condições de - com relativa independência familiar - desenvolver relações com outras do mesmo sexo. Atualmente, há evidências empíricas de que a rotatividade e a flexibilidade das vidas amorosas e sexuais de meus interlocutores têm relação direta com o heterossexismo de seus trabalhos e ocupações.

Em síntese, Miskolci (2015) defende que, historicamente, o desenvolvimento e ascensão profissional se mostrou essencial para que homossexuais possam vivenciar sua sexualidade com relativa liberdade. Segundo ele, assim acontece porque a maioria dos homens gays encontram na independência financeira o único caminho possível para se libertar do cerceamento dos lares e espaços de vivência familiares e sociais dominados pela homofobia em que foram criados. Diferente de jovens heterossexuais, por exemplo, que em sua maioria desfrutam da possibilidade de se relacionar afetiva e sexualmente durante a adolescência com a ciência, o apoio e a orientação da família e dos amigos, muitos homossexuais, temendo o preconceito e a violência que imperam nos círculos de convívio familiar e social, são obrigados a abdicar dessas experiências - ou vivenciá-las em segredo - até que atinjam a independência necessária para realizá-las com o grau de sigilo que julgam necessário para a sua segurança. Isso ocorre, em muitos casos, quando, emancipados financeiramente, passam a morar sozinhos ou distantes dos familiares.

Ainda de acordo com Miskolci, essa pseudoliberalidade continua bastante limitada, uma vez que os espaços profissionais impõem as mesmas premissas, ou seja, a mesma violência dos ambientes familiares e sociais, especialmente no que diz respeito à homofobia. Se para vivenciar sua sexualidade, ainda que com diversas limitações, é necessário antes conquistar a independência financeira - e este elemento, em regra, é possível a partir da ascensão profissional -, muitos

homossexuais sentem-se obrigados a omitir sua identidade e seus relacionamentos íntimos também nesses espaços. Diante das dificuldades impostas às suas vivências afetivas, é possível observar, como consequência, “a rotatividade e a flexibilidade das vidas amorosas e sexuais” desses indivíduos destacadas por Miskolci (2015, p. 79), como estratégia para proteção de suas carreiras e, por que não, de suas vidas.

A maior parte de meus interlocutores na pesquisa paulistana é formada por profissionais liberais que lutaram para adquirir independência financeira, a qual descrevem como tendo gerado o reconhecimento familiar, as condições materiais e a segurança mínima para vivenciarem relações com outros homens. Seu trabalho é elemento-chave em suas vidas e, não por acaso, sempre mencionado como algo a preservar com a manutenção do sigilo e/ou discrição sobre essas relações ou até mesmo com uma presumida heterossexualidade. Os que também se envolvem com mulheres fazem questão de se referir à namorada, noiva ou esposa no trabalho. (MISKOLCI, 2015, p. 74)

Isso acontece porque performar a estética heterossexual continua sendo um valor importante em diversos aspectos da vida social, sexual e profissional. Como vivenciar um relacionamento exclusivo e duradouro com alguém do mesmo sexo – além dos desafios próprios da modernidade líquida, que são comuns a todas as orientações sexuais –, sem a ciência de amigos, familiares e parceiros de trabalho, pode ser extremamente difícil e desgastante para todos os envolvidos, muitos homossexuais buscam espaços e meios deslocados dos demais ambientes em que circundam para vivenciar experiências sexuais e afetivas com outros homens.

A pesquisa realizada por Miskolci, em São Paulo, que deu origem ao artigo *Discreto e fora do meio - notas sobre a visibilidade sexual contemporânea*, analisa o uso de mídias digitais na busca por parceiros do mesmo sexo, mas é possível observar que a lógica que guia o comportamento de homens gays *on-line* é bastante semelhante a que os orienta na prática de *cruising* em espaços como o Parque da Cidade de Brasília.

Tendo a maior parte de seu tempo tomada pelas obrigações de trabalho, às vezes estudo, e também por relações sociais e familiares em que predominam demandas próprias à heterossexualidade, as mídias digitais adentram em suas vidas como elemento que distende a pressão heterossexista cotidiana e permite o contato modulado com outros homens. [...] predomina uma divisão entre plataformas de busca amorosa voltadas predominantemente para heterossexuais (especialmente mulheres) e ambientes online que associam o desejo homoerótico masculino com a busca por sexo. A divisão binária entre amor/heterossexualidade e sexo/homossexualidade não é neutra tampouco construída em um vácuo cultural. Ela purifica o sexo heterossexual por meio de sua associação com o amor, a reprodução e/ou a constituição de famílias enquanto reatualiza concepções arraigadas socialmente que associam a homossexualidade masculina com o desejo sexual desprovido de vínculos [...]. (MISKOLCI, 2015, p. 74-75)

Enquanto sites e aplicativos de encontros como *Par Perfeito* e *Tinder* ocupam, no universo online, a função social de espaços que promovem encontros afetivos entre pessoas heterossexuais, como festas, bares e restaurantes, sites e aplicativos voltados para encontros sexuais entre homens gays como *Manhunt* e *Grindr* têm, digitalmente, papel bastante semelhante ao de parques, saunas e cinemas voltados à comunidade homossexual, carregando, também, os mesmos estigmas apontados por Miskolci em relação à associação entre amor e heterossexualidade, e sexo e homossexualidade.

Compreender como a liquidez dos sentimentos na modernidade se relaciona com fenômenos como a mercantilização do afeto e do desejo, em especial no contexto de homens homossexuais, é de grande valor para o filme, que busca retratar esses conflitos, embora bastante sutilmente, a partir das vivências de seus protagonistas.

(Homo)afetividade em Brasília: o desejo resiste

No Censo realizado em 2010, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Brasília ficou atrás apenas do Rio de Janeiro em relação ao número de pessoas que declararam viver uma relação estável com alguém do mesmo sexo. Em 2012, reportagem publicada pela *Veja Brasília* mostrou que, em menos de um ano após a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) que tornou legal o casamento entre pessoas do mesmo sexo, 180 casais homoafetivos, predominantemente masculinos, procuraram oficializar a união civil nos cartórios do plano piloto, de acordo com a Associação dos Notários e Registradores do Brasil. Guardada a proporção, o Distrito Federal lidera o ranking nacional de casamentos gays, com 6,5 matrimônios para cada 100 mil habitantes, seguido de Rio de Janeiro (5,5) e São Paulo (3,7).

Seguindo essa tendência, em 2018 o número de casamentos entre pessoas do mesmo sexo no DF cresceu 60%. De acordo com matéria publicada pelo G1 (ALVES, 2019), foram 274 uniões - recorde desde a regulamentação do casamento gay.

As conquistas para a população LGBTQIAP+ não terminam por aí. Em 2019, após seis longas sessões inconclusas, o STF criminalizou a homofobia, enquadrando os ataques e ofensas à comunidade na chamada Lei do Racismo. Com mais segurança e reconhecimento de direitos,

espaços de vivência voltados para o público LGBTQIAP+ se multiplicaram no DF nos últimos anos, como cafés, bares, boates e restaurantes. Na mesma toada, reportagem do portal Metrôpoles publicada em 2019 mostrou que estabelecimentos comerciais *gay friendly* de diversos segmentos têm buscado contratar pessoas LGBTQIAP+ na capital.

No entanto, apesar do cenário indiscutivelmente mais favorável, a vivência de identidades de gênero e orientações sexuais não hegemônicas continua apresentando riscos em diversas esferas. Segundo Kortbawi (2019, n.p.):

O Brasil é o líder em assassinatos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Travestis e intersexo (LGBTI+) no mundo. Segundo o Grupo Gay da Bahia (GGB), em 2017 a cada 20 horas um LGBTI+ foi morto de forma violenta por motivação homotransfóbica, um total de 445 pessoas, número recorde nos 39 anos desde que o GGB faz esse levantamento. No ano de 2018 foram registradas 420 mortes, redução de 6% na comparação com o ano anterior.

Um jovem de 23 anos foi cercado por 16 homens e esfaqueado 22 vezes em outubro de 2019, em Brazlândia. O crime, relatado em matéria do portal Metrôpoles (CARONE, 2019), está sendo investigado como tentativa de homicídio provocada por crime de gênero. Matéria publicada pelo G1 (OLIVEIRA, 2019) mostrou que foram registradas no DF, de janeiro até o final de abril daquele ano, ou seja, em apenas quatro meses, 31 ocorrências de preconceito ou injúria contra pessoas LGBTQIAP+. De acordo com uma pesquisa realizada pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan), “o Plano Piloto é o líder de denúncias, com 24,8% dos casos, seguido por Ceilândia, com 13,7%” (OLIVEIRA, 2019, n.p.).

Os ataques também se dão na esfera política. Bolsonaro, antes mesmo de se tornar presidente, protagonizou inúmeros episódios homofóbicos enquanto deputado federal. Como chefe do poder executivo, já em seu primeiro ano de mandato perseguiu, desestruturou e esvaziou organismos e políticas públicas voltadas à proteção e garantia de direitos da população LGBTQIAP+. O curta-metragem *Afronte*, produzido pelos cineastas brasileiros Bruno Victor Santos e Marcus Azevedo como projeto de conclusão de curso em Audiovisual na Universidade de Brasília (UnB), é um exemplo de como o viés ideológico e persecutório do atual governo tem prejudicado políticas voltadas a essa comunidade.

O filme, que mostra a realidade vivida por negros homossexuais no DF, foi exibido e premiado no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, em 2017, e será transformado em série. Para isso, aguarda a autorização da Agência Nacional do Cinema (Ancine) para captar recursos por

meio da Lei do Audiovisual. Uma portaria do Ministério da Cidadania chegou a cancelar o edital em que o projeto foi inscrito, mas a decisão foi suspensa em outubro de 2019 pela Justiça Federal no Rio de Janeiro, como já narrado na Justificativa deste trabalho. No entanto, as declarações feitas por Bolsonaro sobre o projeto deixam pouca margem para esperança: “Olha, a vida particular de quem quer que seja, ninguém tem nada a ver com isso, mas fazer um filme *Afronte*, mostrando a realidade vivida por negros homossexuais no DF, não dá para entender. Mais um filme que foi para o saco. Se a Ancine não tivesse, sua cabeça toda, mandato, já teria degolado todo mundo”.

Na contramão da ciência que caminha em todo o mundo para a despatologização das homossexualidades e transexualidades, bem como da decisão do Conselho Federal de Psicologia (CFP), que proibiu em 1999 as chamadas terapias de reversão sexual, mais conhecidas como “cura gay”, a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damarens Alves, recebeu em seu gabinete o grupo intitulado Psicólogos em Ação, candidato à direção do CFP, formado por profissionais que defendem a cura gay, e prometeu amparo a “ex-homossexuais” (PUTTI, 2019).

O conservadorismo tem se manifestado ainda na maneira como os jornais compreendem, cobrem e divulgam os encontros entre homens gays no Parque da Cidade. Numa rápida pesquisa no Google com as *tags* “sexo parque da cidade”, os primeiros resultados mostram títulos preconceituosos e imagens invasivas de matérias vazias, em que os depoimentos e fotos dos personagens são captados sem consentimento e não se preocupam em comunicar o que pensam essas pessoas. A cobertura se assemelha ao noticiário policial. A retratação da vivência da afetividade e da sexualidade ganha contornos de patologia e os personagens são retratados como criminosos: uma verdadeira ameaça ao conjunto da sociedade.

Figura 3 - Resultado de pesquisa no Google com as tags “sexo parque da cidade”.

Google

sexo parque da cidade

Todas Vídeos Imagens Notícias Shopping Mais Configurações Ferramentas

Aproximadamente 9.050.000 resultados (0,54 segundos)

Vídeos revelam sexo explícito à luz do dia no Parque da Cidade
<https://www.metropoles.com> > distrito-federal > amp ▼
Sexo sem pudor. Quem chega ao **Parque da Cidade** pela entrada do Departamento de Polícia Especializada (DPE) e segue no sentido do Setor de Indústrias ...

Nada mudou: drive-thru do sexo no Parque da Cidade segue ...
<https://www.metropoles.com> > distrito-federal > amp ▼
 Quatro dias após o Metrôpoles mostrar o funcionamento de um drive-thru do **sexo** em estacionamentos do **Parque da Cidade** Dona Sarah Kubitschek, ...

VEJA VÍDEO: Cenas de sexo em “Parque da Cidade ...
<https://www.diariodaamazonia.com.br> > cenas-de-sexo-explicito-em-estaci... ▼
 26 de jun. de 2019 - Vídeos de um casal fazendo **sexo** explícito em estacionamento do **Parque da Cidade** no fim de semana, à noite, viralizaram nas redes sociais.

Imagens de sexo parque da cidade



→ Mais imagens para sexo parque da cidade Denunciar imagens

Brasília: o que ocorre no motel a céu aberto em parque ...
<https://www.em.com.br> > nacional > 2018/01/27 > interna_nacional,933988 ▼
 27 de jan. de 2018 - ... dos estacionamentos 1 e 2 do **Parque da Cidade** Sarah Kubitschek, ...
 Todos estão lá por um motivo em comum: **sexo** rápido e sem ...

Fonte: *Print screen* de tela, acervo pessoal, 2019.

A cruzada do portal Metrôpoles contra os encontros entre homens homossexuais no Parque da Cidade ficou ainda mais intensa durante a pandemia, quando os estacionamentos 1 e 2 do Pavilhão de Exposições, majoritariamente utilizados pelo público homossexual em seus encontros, foram fechados, supostamente, para evitar aglomerações. Aqui é preciso destacar que, curiosamente, embora homens e mulheres homo e heterossexuais utilizem os espaços públicos do Parque da Cidade, como os estacionamentos e florestas, para encontros sexuais, apenas os que

tradicionalmente eram utilizados pela comunidade LGBTQIAP+ foram interditados na pandemia. No entanto, o desejo resiste. Outros locais, dentro e fora do parque, foram ocupados – e novamente expostos pelo jornalista Carlos Carone, com o mesmo tom de noticiário policial e desrespeito evidenciado em matérias anteriores a normas básicas do jornalismo, como ouvir os personagens citados e solicitar autorização para o uso de imagem das pessoas ali retratadas com fotos e vídeos registrados covardemente.

O título da matéria publicada em janeiro de 2021 denuncia o olhar do jornalista para os encontros entre homens gays: “No Parque da Cidade, ‘Floresta do Sussurro’ tem sexo em túneis e tráfico rotativo”. Em que pese a obsessão do profissional pelos hábitos sexuais dos brasilienses, o tom destoa das reportagens que o próprio Carone escreveu em março (2021) sobre os encontros sexuais entre heterossexuais no Parque: “Com casas de swing fechadas, suruba rola solta no Parque da Cidade” e “Surubeiros do DF têm novo point: a Água Mineral. Veja fotos e vídeos”. Se, de um lado, temos “surubeiros” inofensivos ávidos por diversão, do outro, temos sexo em túneis, assim como ratos, e tráfico de drogas rotativo.

Os textos descrevem basicamente o mesmo fenômeno: experiências sexuais em espaços públicos, mais especificamente o Parque da Cidade de Brasília, mas apresentam narrativas significativamente distintas. Para relatar encontros entre heterossexuais, o repórter diz (2021): “protegidas pelos pinheiros que existem na área, as churrasqueiras são usadas como refúgio para as transas casuais. [...] Alguns chegam a fazer festinhas, assar carne, tomar cerveja e regam o evento com muito sexo e troca de casais”. Já quando os homossexuais estão em pauta, o caso ganha outra dimensão: “Durante boa parte do tempo em que a reportagem permaneceu no local, a presença de traficantes foi notada. Possivelmente, a venda de drogas próxima aos pontos onde ocorrem os encontros é vista pelos traficantes como uma oportunidade de negócio” (CARONE, 2021). Crime versus diversão.

Brasília: “espaço calculado para as nuvens”

Para além de todo o contexto de avanços e retrocessos políticos e sociais, Brasília é uma cidade singular, cujo projeto urbanístico alienígena de Lúcio Costa, com os monumentos monocromáticos de Oscar Niemeyer adornados pelas cores e formas de Athos Bulcão e as florestas encantadas de Burle Marx impactam, de uma forma ou de outra, quem vive ou passa por aqui.

Em uma linda e perturbadora crônica de Clarice Lispector publicada pelo *Jornal do Brasil* na década de 70, a escritora revela seu amor, pavor e fascínio pela cidade:

Esprei pela noite, como quem espera pelas sombras para poder se esgueirar. Quando a noite veio, percebi com horror que era inútil: onde eu estivesse, eu seria vista. O que me apavora é: vista por quem? - Foi construída sem lugar para ratos, essa parte não tem lugar em Brasília. Eles quiseram negar que a gente não presta. Construções com espaço calculado para as nuvens. O inferno me entende melhor. [...] Uma prisão ao ar livre. De qualquer modo não haveria para onde fugir. Pois quem foge iria provavelmente para Brasília. Prenderam-me na liberdade. Mas liberdade é só o que se conquista. Quando me dão, estão me mandando ser livre. - Todo um lado de frieza humana que eu tenho, encontro em mim aqui em Brasília, e floresce gélido, potente, força gelada da Natureza. Aqui é o lugar onde os meus crimes (não os piores, mas os que não entenderei em mim), onde os meus crimes não seriam de amor.

Quase 50 anos depois, outra crônica¹⁰, desta vez da jornalista Conceição Freitas, também destacou o formato das nuvens e o contraste entre a imensidão e o vazio de Brasília, bem como a solidão e os sentimentos antagônicos de libertação e aprisionamento que coexistem nos corações brasilienses.

O corpo brasiliense é de uma solidão excruciante. Somos astronautas esquecidos do lado de fora da Terra. Tudo é imensidão, vazio, solidão. É um nada que nos desumaniza e ao mesmo tempo nos conecta com tudo o que não é humano – as cores do céu, o formato das nuvens, a envergadura das árvores, a cantoria das cigarras. [...] Os vazios nos tranquilizam, nos organizam e nos conduzem. Mas é paralisante a distância que separa um corpo do outro corpo. É uma lonjura que nos protege e atordoa. Que aprisiona e liberta. (FREITAS, 2019)

Ainda que todo o DF não esteja submetido a uma mesma organização urbana, há uma lógica de organização dos espaços que, em maior ou menor intensidade, se relaciona com fatores políticos

¹⁰ FREITAS, Conceição. Nós, brasilienses, temos um corpo singular. O corpo-Brasília. **Metrópoles**, Brasília, 29 jan. 2019. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas-blogs/conceicao-freitas/nos-brasilienses-temos-um-corpo-singular-o-corpo-brasilia>. Acesso em: 4 nov. 2019.

e sociais e impacta as vivências das pessoas que aqui vivem nas mais diferentes esferas da vida. A experiência da afetividade e da sexualidade não é diferente.

Se, por um lado, quem vive em Brasília se orgulha de carregar da infância à velhice os mesmos amigos, evidenciando que as barreiras invisíveis que delimitam as superquadras de Lúcio Costa possam ser, também, as grades que fazem de Brasília “uma prisão ao ar livre” sob os olhos de Clarice Lispector, forasteiros que visitam a cidade se queixam das portas fechadas que encontram para acessar os espaços íntimos de seus habitantes.

O assunto, que vira e mexe toma conta de conversas despreziosas nos botecos da cidade, é controverso e já foi pauta de matéria da Revista Veja em 2013, que atribuiu ao comportamento do brasileiro o fato de mais da metade da população do DF ser solteira segunda a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad). A matéria, intitulada “Alô, Brasília, aquele abraço” não está mais disponível para acesso na internet, mas seu conteúdo, ora defendido, ora criticado, repercutiu em diversos portais como o fórum Reddit e o blog Quadrado Brasília.

No fórum [ca. 2017], o usuário que deu início à discussão questionou por que os brasileiros são tão frios: “Eu moro em Brasília (sic), e aqui as pessoas são mais frias que um bloco de gelo no ártico”. Outro usuário, também de fora, respondeu: “Sei que estou aqui há 12 anos e meio que já me acostumei com o ritmo daqui, mas minha ex, nordestina, acostumada a outro tipo de amistosidade, estranhava bastante”. Há algumas discordâncias, mas chama a atenção um comentário que afirma:

Amo Brasília desse jeito mesmo. Não gosto quando pessoas de outros lugares se acham íntimos e ficam tocando ou então se aproximando muito quando conversam comigo. Também não sinto a menor necessidade de conversar ou cumprimentar alguém que não conheço ou que não dou a mínima, mesmo se for meu vizinho ou parente distante. Se isso faz de mim -- um brasileiro nativo -- uma pessoa fria, que seja. Todos meus amigos tb são assim e achamos absolutamente normal. [...] A pergunta importante é pq (sic) o resto do Brasil é tão pouco respeitador da “bolha de privacidade” pessoal?

Dois usuários chegam a atribuir o suposto isolamento do brasileiro ao que um deles chama de “urbanismo sem alma do Lúcio Costa”. O outro corrobora o raciocínio e sugere a leitura do livro *Cidade Para as Pessoas*, do arquiteto e urbanista dinamarquês Jan Gehl, que cunhou o termo “Síndrome de Brasília” para denominar projetos urbanísticos que, segundo ele, ignoram a “escala humana” em seu planejamento.

Vista do alto, Brasília é uma bela composição: projetada como uma águia, com os órgãos governamentais na cabeça e as áreas residenciais nas asas. A composição também é

interessante, vista de helicóptero, com edifícios governamentais brancos, que se distinguem na paisagem, e blocos residenciais dispostos em torno a praças e áreas verdes. [...] No entanto, a cidade é uma catástrofe ao nível dos olhos, a escala que os urbanistas ignoraram. Os espaços urbanos são muito grandes e amorfos, as ruas muito largas e as calçadas e passagens muito longas e retas. As grandes áreas verdes são atravessadas por caminhos abertos pela passagem de pessoas, mostrando como os habitantes se revoltaram, com os pés, contra o rígido plano formal da cidade. (GEHL, 2013, p. 196-197).

Daniela Cadena Henrique e Carol Nogueira, do blog Quadrado Brasília, foram na contramão da maioria dos comentários sobre os brasilienses no Reddit e publicaram um artigo em resposta à matéria da Revista Veja: “Pegaram um dado isolado, que diz que 51,7% dos que vivem aqui são solteiros, e transformaram isso num sinônimo para cidade desagregadora, que dificulta relacionamentos” (NOGUEIRA, 2013).

O fato é que, verdade ou mito, fruto ou não do planejamento urbanístico, frieza e solidão são palavras atribuídas por muitas pessoas aos brasilienses e à Brasília, respectivamente. A própria jornalista Conceição Freitas, que já vive há 35 anos na capital e tem uma banca na 308 sul, conhecida como quadra-modelo, afirmou em uma de suas crônicas publicada em 2020 que “Ninguém é mais sozinho que o brasiliense”. No texto, Conceição diz “Brasília me ensinou a solidão. [...] Nesta terra de ninguém, insulados em vazios sem fim, cercados de uma gente estranha e arredia, somos forçados a dar conta da solidão que é de todos e de cada um, mas em Brasília ela é uma imposição onipresente”.

Estado da Arte: *Afronte* floresce como um ipê na seca

Ao pesquisar as palavras “gay”, “homossexual” e “homossexualidade” no repositório de trabalhos de conclusão de curso em Jornalismo e Comunicação Social¹¹ da Universidade de Brasília, chegamos aos seguintes números de resultados por *tag*: “Homofobia” (1); “Homossexuais” (2); “Homossexualismo” (4); “Homossexualismo no cinema” (2); e “Identidade de gênero” (2).

No curso de Jornalismo não foi identificado nenhum trabalho a partir da busca por essas palavras no repositório da UnB. Seis resultados encontram-se relacionados ao termo

¹¹ Nas três habilitações: Comunicação Organizacional, Publicidade e Propaganda e Audiovisual.

“homossexualismo” – sendo três referentes a trabalhos de conclusão de curso em Comunicação Organizacional –, considerado inadequado pela comunidade LGBTQIAP+ devido ao sufixo “ismo”, utilizado para indicar patologias, doutrinas e ideologias. Do total de 11 trabalhos encontrados, três são produtos audiovisuais: dois documentários e um vídeo-ensaio. Não há nenhum curta-metragem ficcional, gênero de *Antes que termine a noite*.

Entre os três produtos audiovisuais, quais sejam *Todo mundo vai saber: ser gay em Formosa (GO)*, do aluno de Comunicação Organizacional Eduardo Resende Bittar; *Eu Não Quero Acordar: vídeo-ensaio de temática gay*, do aluno de Audiovisual Victor Hugo Santana de Souza; e *Afronte*, dos alunos de Audiovisual Marcus Vinicius Azevedo de Mesquita e Bruno Victor dos Santos Almeida, este último é, possivelmente, a proposta mais próxima: um documentário ficcional de curta-metragem, com duração de 16 minutos. De acordo com Mesquita (2017, p. 6), o filme:

[...] retrata questões ligadas a raça e sexualidade, vivenciadas por jovens negros e gays, moradores do Distrito Federal e do Entorno. Por meio de uma personagem fictícia, o filme refaz seu caminho em busca de referências e construção de identidade que perpassam a ancestralidade e o afeto.

O filme, escrito e dirigido pelos estudantes, arrecadou R\$ 10.350 via financiamento coletivo para produção (MESQUITA, 2017, p. 47) e recebeu os prêmios de Melhor Curta no 25º Festival Mix Brasil, o mais importante prêmio de cinema LGBTQIAP+ do Brasil atualmente, e Montagem no 50º Festival de Brasília. Apesar dos ataques políticos sofridos, o filme floresceu como os ipês de Brasília em meio a seca de recursos para fomento cultural.

Figura 4 - Cartaz do filme *Afronte*. Trabalho de conclusão de curso de estudantes da UnB que encantou o mundo também conquistou a ira do presidente Bolsonaro.



Fonte: Disponível em: <https://filmow.com/afronte-t240298/>. Acesso em: maio 2021.

Antes que termine a noite: uma versão queer brasileira de Antes do Amanhecer

No lugar de um jovem americano e uma garota francesa que se conhecem em um trem na Europa e acabam passando um dia inteiro juntos em Viena, dois homens que se encontram em um ponto de sexo casual em Brasília e caminham juntos pela cidade ao longo da madrugada. Pedro e Gabriel, personagens de *Antes que termine a noite*, são a versão *queer* brasileira de Jesse (Ethan Hawke) e Céline (Julie Delpy), de *Antes do amanhecer* (1995), dirigido por Richard Linklater e escrito por ele em parceria com Kim Krizan e o casal de atores.

De acordo com a doutora em Educação Guacira Lopes Louro, em seu livro *Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*:

Queer é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambigüidade, do “entre lugares”, do indecível. Queer é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina. (LOURO, 2004, p. 8)

Dentro do conceito de Louro, o afeto *queer* é a força motriz que move Pedro e Gabriel em *Antes que termine a noite*. A ideia do curta-metragem de ficção nasceu da disciplina Roteiro, Produção e Direção para Web, Vídeo e Cinema – uma matéria obrigatória do curso de Comunicação Organizacional da Universidade de Brasília –, ministrada pela professora Erika Bauer de Oliveira.

O exercício consistia em pensar em uma história e desenvolvê-la em três produtos: o *storyline*, que é um brevíssimo resumo da ideia, de cerca de cinco linhas, apontando objetivamente o conflito principal e como ele se desenvolve e é solucionado; o argumento, que apresenta os principais personagens e descreve a história do início ao fim; a escaleta, que é a sequência e uma breve descrição de todas as cenas; e, por fim, o roteiro, que segundo FIELD (2001, p. 11-12):

[...] é uma história contada em imagens, diálogos e descrições, localizada no contexto da estrutura dramática. O roteiro é como um substantivo — é sobre uma pessoa, ou pessoas, num lugar, ou lugares, vivendo sua “coisa”. Todos os roteiros cumprem essa premissa básica. A pessoa é o personagem, e viver sua coisa é a ação.

Cheguei a desenvolver na disciplina o *storyline*, o argumento, a escaleta e o início do roteiro de *Antes que termine a noite* ou *Me chama pra jantar*. Na época, ainda estava indeciso sobre o nome, mas sabia que queria contar a história de um homem que vai ao Parque da Cidade em busca de sexo com outros homens, conhece alguém com quem tem uma relação sexual, que deveria ser meramente casual, mas acaba sendo surpreendido por um convite para jantar após o sexo. Ele aceitaria após alguma hesitação e a partir desse ponto de virada eles seguiriam juntos por diversos lugares de Brasília. A ideia era apresentar pontos turísticos menos hegemônicos da cidade enquanto os personagens conversam e compartilham confissões, tendo as discussões sobre a cidade como uma metáfora para falar das pessoas e das relações humanas.

A ideia, desde o início, foi fazer um filme dialógico, a exemplo de *Antes do Amanhecer* e de *Weekend* (2011), escrito e dirigido pelo cineasta gay Andrew Haigh, famoso pela série *Looking* (2014). Esse aspecto se manteve e pode ser verificado do argumento ao último tratamento do roteiro. Alguns elementos da narrativa, no entanto, transformaram-se ao longo do processo. Pedro, o protagonista, a princípio, era um médico casado com uma mulher que encontrava no Parque da Cidade uma alternativa para vivenciar aspectos da sua sexualidade. Gabriel, por sua vez, tinha um

comportamento mais libertário em relação a sua sexualidade, que em vários momentos se antagonizava aos ideais de Pedro, criando atritos, mas também aprendido.

Depois de muita reflexão e análise das primeiras tentativas de escrita do roteiro, percebi que aquele Pedro, ainda que continue existindo, representa um arquétipo homossexual que não é o foco dessa história e já foi explorado em outras obras, como destacam Moreno (2001) e Rossi (2009). É evidente que ainda existem muitos homossexuais que, vitimados pelo preconceito, mantêm relacionamentos heterossexuais e buscam, em determinados espaços, a oportunidade de vivenciar experiências homoafetivas. Isso ficou ainda mais evidente ao ter contato com a pesquisa de Miskolci (2015) sobre o uso de mídias digitais na busca por parceiros do mesmo sexo. No entanto, os dilemas que impactam a comunidade LGBTQIAP+, atualmente, absorvem desafios dessa natureza, mas vão muito além, alcançando, por exemplo, os fenômenos da modernidade líquida e da mercantilização do afeto e do desejo.

Dessa reflexão nasceu um novo Pedro que, embora disponha de outras alternativas para experimentação e vivência de sua sexualidade, encontra, no Parque da Cidade, um espaço que faz com que ele se sinta mais seguro e confortável para vivenciar seu desejo. Pedro é jovem e independente, mas sabe que ser gay – e especialmente ser reconhecido como um homem gay – pode impactar a sua vida de diversas maneiras, seja no ambiente profissional, seja na vivência social e familiar. Pedro sabe que caminhar de mãos dadas com outro homem na rua, hoje, possivelmente oferece menos riscos que em 2010, quando cinco pessoas agrediram e quebraram uma lâmpada na cabeça de um jovem homossexual na Avenida Paulista, em São Paulo (G1, 2010). Mas ele também sabe que embora seja mais difícil ser demitido por isso, as chances de ser respeitado e progredir na carreira podem ser menores. Da mesma forma entende que sua família não o abandonaria por isso, mas sabe que seria bastante desconfortável levar um eventual namorado para a ceia de Natal. É mais fácil manter essa parte de sua vida visível apenas sob as luzes laranja dos postes que iluminam o Parque da Cidade.

Gabriel, por sua vez, surge como um personagem que apresenta um antagonismo mais sutil: não por quem ele é ou como age, mas pelas possibilidades que oferece ou representa. Ele carrega suas próprias inseguranças, mais ou menos semelhantes às de Pedro, e se vê bastante dividido entre a possibilidade de habitar um espaço que, até pouco tempo, era restrito às pessoas heterossexuais, como ter um namorado, sair para jantar, ir ao cinema, andar de mãos dadas e se cumprimentar com um beijo, viajar, morar juntos, adotar um cachorro, constituir uma família – e publicizar tudo isso

nas redes sociais, se assim desejar – ou se aventurar por novos modelos de relacionamento, com mais liberdade, múltiplos parceiros e menos cobranças. Gabriel entende que cada escolha representa também uma renúncia e, apesar de sempre ter carregado consigo o desejo de experimentar o que cresceu vendo seus pais, irmãos e amigos vivenciarem, teme investir em um modelo de relacionamento que, inevitavelmente, parece deixar de funcionar em algum momento, seja pelo tédio da rotina, seja pela multiplicidade de desejos por outros corpos e experiências ou mesmo por que, em algum momento, a natureza do sentimento que você nutre pelo seu parceiro se transforma.

Essas duas pessoas se encontram com um objetivo em comum: sexo casual. Mas acabam sendo surpreendidas pela vontade de partilhar outras experiências. O antagonismo – ou conflito – que os move não reside em quem são ou no que fazem, mas naquilo que, por motivos diferentes, desejam e, ao mesmo tempo, temem viver.

METODOLOGIA

A metodologia que orientou a produção do roteiro do curta-metragem *Antes que termine a noite* foi a revisão bibliográfica/cinematográfica, que forneceu inspiração e sustentação teórica sobre os fenômenos que guiam a narrativa do filme.

O foco foi em autores que abordam os três eixos basilares do filme evidenciados no referencial teórico: como ocorre a vivência da afetividade e sexualidade na contemporaneidade; possíveis características da homoafetividade vivenciada em Brasília; bem como princípios e instrumentos para viabilizar a produção de um curta-metragem simples e barato, mas ao mesmo tempo sensível e profundo.

A escrita do roteiro foi realizada por meio do *software* Celtx e, além dos novos *storyline*, argumento e escaleta desenvolvidos, uma vez que a narrativa seguiu um caminho diferente do concebido inicialmente, contou com duas revisões do primeiro tratamento, com foco em correções de forma e ortográficas, além de segundo, terceiro e quarto tratamentos, para aprimoramento de cenas, ações e diálogos, além de redução de tempo de filme.

Apesar de ter encontrado apoio em outras obras, como *Manual do Roteiro* (FIELD, 2001) e *Da criação ao roteiro* (COMPARATO, 2009), tecnicamente, a redação do roteiro teve como principal eixo de orientação o livro *Story* (MCKEE, 2006), onde encontrei maior identificação e inspiração ao ler, nas primeiras páginas, a valorização de princípios no lugar de regras.

Uma regra diz “você tem de fazer isso dessa maneira”. Um princípio diz “isso funciona... e vem funcionando desde o início dos tempos”. [...] Ansiosos, autores inexperientes obedecem às regras. Escritores rebeldes, não educados, quebram as regras. Artistas tornam-se peritos na forma. [...] Nenhuma noção de paradigma ou modelo de estória infalível para sucesso comercial faz sentido. (MCKEE, 2006, p. 17)

Em relação à trama de *Antes que termine a noite*, que para Mckee (2006) é a história e também a maneira como ela será contada, é possível observar mais semelhanças com o que ele chama de “minitrama”, que tem como característica o final aberto, em que “A maioria das emoções evocadas pelo filme é satisfeita, mas um resíduo emocional pode ser deixado para o público se satisfazer por si próprio” (MCKEE, 2006, p. 58), e o conflito interno, quando “o protagonista pode lidar com fortes conflitos externos com a família, a sociedade e o ambiente, mas a ênfase recai

sobre suas batalhas com seus próprios pensamentos e sentimentos, consciente ou inconscientemente” (MCKEE, 2006, p. 59).

Ambas as características da “minitráma” de Mckee ficam evidentes ao observar o final da história do encontro entre Pedro e Gabriel. Eles irão se encontrar de novo? Por que não trocaram telefone? Os dois parecem ter gostado da noite que tiveram juntos. Por que não combinaram de se ver novamente? Os conflitos enfrentados pelos dois personagens são internos. A trajetória de ambos, ao longo da história, responde a muitas perguntas sobre quem são, o que pensam e o que sentem, mas a despedida breve e sem acertos explícitos deixa margem para dúvidas importantes sobre os caminhos que aquele relacionamento poderá seguir.

Ainda em relação ao conflito, é importante destacar que este foi um dos pontos mais delicados da escrita do roteiro, uma vez que os grandes conflitos da história, os antagonistas que se apresentam aos personagens, são os medos, dúvidas e inseguranças que eles próprios nutrem dentro de si, e o tempo, que delimita o início e o fim daquele encontro que já nasceu com hora determinada para acabar.

Com poucas exceções, todas as pessoas com quem compartilhei o roteiro apontaram a suposta falta de conflito como uma das principais fragilidades do enredo. Não há um grande acontecimento ou vilão que ameace os personagens de maneira a impeli-los a enfrentá-lo e derrotá-lo, como acontece na maioria dos filmes orientados pela jornada do herói proposta por Joseph Campbell no livro *O Herói de Mil Faces* (VOGLER, 2006). Apesar de ter reconhecido na obra de Mckee (2006) as características do conflito apresentado em *Antes que termine a noite*, segui buscando outras referências que sustentassem teoricamente a inexistência de um conflito/clímax narrativo. Foi quando me deparei com o termo japonês *kishōtenketsu*.

Kishōtenketsu basicamente é uma forma de narrativa diferente da ocidental em que o conflito ou não existe, ou, definitivamente, tem um lugar diferente do que estamos acostumados a ver. Encontrei, em um blog chamado *Still Eating Oranges*, a explicação mais didática sobre esse tipo de trama, que traduzido pelo blog *Sobre roteiros e roteiristas* (2015, n.p.) diz o seguinte:

Kishotenketsu contém quatro atos: introdução, desenvolvimento, virada e reconciliação. O básico da história - personagens, locações, etc. - é apresentado no primeiro ato e desenvolvido no segundo. Nenhuma mudança maior ocorre até o terceiro ato, onde um novo elemento surpresa é introduzido. O terceiro ato é o centro da trama e pode ser pensado como um tipo de *non sequitur* estrutural. O quarto ato tira uma conclusão baseada no contraste entre os dois primeiros atos e o terceiro, reconciliando-os em um todo coerente. [...] Nenhum problema impede o protagonista; nada é jogado contra nada.

Apesar disso, a virada no quadro três projeta um dinamismo - caos, talvez - que impede a tira de ser uma simples série de eventos. O quarto quadro reinstala a ordem mostrando como os dois primeiros se conectam com o terceiro, o que nos dá um final satisfatório sem a necessidade de uma vitória. [...]A estrutura ocidental, por outro lado, é um duelo - envolvendo personagem, tema, exposição - onde um elemento deve prevalecer sobre o outro.

Antes que termine a noite definitivamente não é um *case* ocidental de *kishōtenketsu*, mas guarda alguma semelhança com esse modelo oriental de narrativa utilizado há séculos, como o fato de nenhum problema “impedir o protagonista” – “nada é jogado contra nada”. Há, além disso, um final que não carece da necessidade de vitória ou mesmo derrota. Não há vencedor ou derrotado porque não existe um duelo. O que se apresenta são duas pessoas que vivenciam uma experiência juntas e terminam transformadas por ela de alguma forma.

Já em relação à estrutura da narrativa, Mckee (2006) a define como a sequência de eventos vivenciados pelos personagens ao longo do filme, ou seja, as cenas, no intuito de estimular emoções e expressar um ponto de vista específico. Ele defende que cada acontecimento deve contribuir com esse objetivo. Caso isso não aconteça, a cena em questão não apenas pode, mas deve ser cortada. Essa diretriz se mostrou essencial ao longo dos quatro tratamentos dados ao roteiro original, em que várias cenas foram cortadas, como a em que Gabriel pede a Pedro para fotografá-lo em frente à Banca da Conceição, na 308 sul. A contribuição desse momento para a narrativa tinha o caráter estético como mais relevante. A banca é linda e muito especial, mas diversas locações escolhidas detinham as mesmas características e o mesmo papel narrativo. A solução foi extrair dela o essencial – o pedido de Gabriel para ser registrado em Brasília sob os olhos de Pedro – e inseri-lo em uma cena onde teria ainda mais força dramática: a despedida na ponte dos cadeados no momento do nascer do sol.

Igualmente, Mckee (2006, p. 370) adverte para as tentativas de dirigir e editar o filme por meio de indicações no roteiro: “Da mesma maneira que os atores ignoram descrições de comportamento, os diretores riem de ‘muda foca para’, ‘panorâmica para’, ‘plano de conjunto de’, e de todas as outras tentativas de dirigir um filme no papel”. Apesar de compreender e concordar integralmente com Mckee sobre a necessidade de deixar espaço e interferir o mínimo possível no trabalho dos outros profissionais envolvidos, como o objetivo do trabalho, a princípio, era produzir não apenas o roteiro, mas também o filme, registro aqui uma importante confissão: além do escritor, o olhar de diretor também acompanhou a escrita do roteiro, como é possível observar no primeiro tratamento, que já apresenta vários traços de decupagem.

O esforço empreendido nesse sentido foi o de revisar minuciosamente, a cada tratamento, quais direcionamentos julgava realmente importantes para a narrativa a ponto de mantê-los no roteiro. A redução foi bastante expressiva, mas algumas marcações permaneceram após muita reflexão por acreditar que elas possuem uma função narrativa que merece ser preservada. É o caso da sugestão de um plano aberto e aéreo para a cena 28, que mostra Pedro e Gabriel caminhando em sentidos opostos em direção aos estacionamentos em que seus carros estão parados. O ângulo reforça os grandes espaços vazios característicos de Brasília que, ao longo da trama, são associados ao distanciamento entre as pessoas. O mesmo ocorre com a manutenção da sugestão de trilha para duas cenas, propondo duas canções de uma banda brasiliense chamada Superquadra, que movimentou a cena local de rock na década passada: uma homenagem aos talentos esquecidos de Brasília. A trilha proposta seria um reforço metalinguístico e intensificaria o tom nostálgico do encerramento da jornada dos personagens.

Idealizados os estilos de trama, estrutura e forma, o passo seguinte foi tratar o roteiro para reforçar as qualidades de uma boa história, conforme demonstrado abaixo. Todas as revisões e tratamentos que o roteiro sofreu podem ser conferidos na íntegra no Drive: <http://bit.ly/antesquetermineanoite>.

Primeiro tratamento

A primeira versão do roteiro tem 45 páginas e foi concluída em aproximadamente dois meses. Ela possui 65 cenas divididas em oito sequências de filmagem.

Após a conclusão, enviei o texto para a professora Erika Bauer e o professor Caique Novis, ambos com amplo conhecimento e experiência no audiovisual, e para alguns amigos, quais sejam: Silvia Bertoldo Guerreiro, jornalista e estudante do curso de artes visuais da UnB que dirigiu o minidocumentário *Bate-bate*; os professores e diretores de teatro Francis Wilker, professor da Universidade Federal do Ceará e diretor do grupo Teatro do Concreto, de Brasília, e Luiz Fernando Lubi Marques, professor da Escola Livre de Teatro de Santo André (SP) e diretor do Grupo XIX de Teatro, de São Paulo; Natália Brandino, produtora de cinema que assina a produção executiva de filmes como *Valentina*, vencedor do festival Mix Brasil em 2020; Rômulo Mendes, professor de teatro e ator; Tiago Vaz, publicitário responsável pelo *podcast Desce pro Play*; e Lucas Morgado, que embora seja advogado e não tenha credenciais no audiovisual, possui experiência

em música, dança e artes plásticas. Todos são membros da comunidade LGBTQIA+ e moram em Brasília, com exceção de Francis e Luiz Fernando, que atualmente residem em Fortaleza e São Paulo, respectivamente.

Todos compartilharam ricas contribuições em diversos aspectos. Parte delas, em especial as relacionadas à ortografia e à forma do roteiro, em si, foram absorvidas nas duas revisões que sofreu o primeiro tratamento do roteiro. As demais, focadas na narrativa, subsidiaram as alterações que deram origem ao segundo e ao terceiro tratamentos.

Segundo tratamento

O segundo tratamento de *Antes que termine a noite* tem 41 páginas, sendo 56 cenas divididas em oito sequências. É o tratamento que traz alterações mais significativas. São elas:

1. Inserir a cena do empurrão na Pira para criar tensão e fortificar o momento seguinte, de maior entrega de Pedro, constituindo o segundo momento de virada da narrativa;
2. Retirar todos os diálogos iniciais até a cena do beijo, porque a imagem tem mais força e é menos didática;
3. Cenas melhor detalhadas, com maior descrição dos espaços, personagens e ações;

Exemplo: substituição das palavras calça por cueca e braço por pulso, corpo sarado por braços e pernas torneadas.

4. Acentuar e tornar exclusivos alguns traços dos personagens, como o hábito de Pedro colocar as mãos atrás da cabeça e de Gabriel andar com as mãos nos bolsos;
5. Tirar o humor de Pedro em determinadas situações, como na Floresta dos Sussurros, e conferir mais ironia em outros momentos;
6. Incluir hesitação por parte de Pedro antes de aceitar levar Gabriel para conhecer a quadra modelo;

7. Conferir mais oralidade aos diálogos;

Exemplo: substituir murmurava por fingia que estava falando e amarelo vibrante por amarelão.

8. Ressaltar que o “fandangos” era um lanche especial e trazer a memória da merenda de escola pública;

9. Corrigir incongruências;

Exemplo: não é muito comum o Dog do Raimundo estar lotado e a fila estar pequena.

10. Excluir detalhes mais pessoais do Gabriel para manter algum mistério, como as explicações sobre de quem é o aniversário que o trouxe à Brasília ou quem o apresentou ao Dog do Raimundo. Gabriel é o forasteiro. Bastante simpático, mas forasteiro;

11. Retirar o trecho sobre a concepção urbanística das superquadras que tinha tom professoral demais e também suavizar esse tom em outros momentos;

12. Aperfeiçoar os diálogos para ressaltar algumas reflexões;

Exemplo: substituir “negação do que o tempo faz com as coisas e com as pessoas” por “negação do que o tempo faz com as coisas e com a gente”, para trazer a dimensão do pessoal e deixar escapar a cidade como metáfora.

13. Retirar a cena da banca de revista e transferir o momento da foto para o fim do filme, quando terá mais impacto visual e dramaticidade;

14. Substituir diálogos por ações que têm mais força dramática e são menos didáticas;

Exemplo: substituir a fala “Seu cheiro é tão bom...” pela ação “Em seguida ele ENFIA o nariz no pescoço de Gabriel e PUXA o ar profundamente”.

15. Inclusão de pequenas referências do universo brasileiro;

Exemplo: substituir terceiro para quinto andar em referência à música “Pais e filhos” da banda brasileira Legião Urbana.

16. Retirar o diálogo sobre a bandeira para reduzir o roteiro, apesar de exercer a função narrativa de retratar o brasiliense que carrega esse traço de guia turístico e se orgulha desses pequenos detalhes sobre a cidade;
17. Reforçar a noção de finitude do encontro substituindo o incerto “depois do almoço” pelo urgente “daqui a pouco”, quando Pedro pergunta que horas Gabriel vai embora;
18. Reduzir o humor no diálogo de despedida. O tom é outro na iminência do fim. Há um pesar que sufoca o humor;
19. Corte na *lettering* para dar destaque ao essencial.

Terceiro tratamento

O terceiro tratamento, por sua vez, teve como foco a redução do roteiro e chegou a 37 páginas, sendo 51 cenas divididas em oito sequências, representando uma redução total de oito páginas e 14 cenas em relação ao primeiro tratamento.

Entre os principais cortes e alterações, vale ressaltar:

1. Tirar a maior parte possível de marcações que cabem à direção e que não oferecem contribuições essenciais, como cortes, focos e indicações de sequência;
2. Conferir ainda mais coloquialidade aos diálogos para que sejam naturais;
3. Adicionar mais detalhes de imagens para facilitar a identificação de quem assiste;

Exemplo: Pedro contornando os buracos do estacionamento e Gabriel caindo neles ao sair.

4. Cortar ações desnecessárias, como olhar para placa da Praça dos Cogumelos;

5. Cortar o toque entre Pedro e Gabriel no carro em direção à Pira para criar um clima de algum desconforto e insegurança;
6. Cortar a cena de Pedro e Gabriel dentro do carro no estacionamento. A cena mostra que está tudo bem e, na realidade, não está. O fim está à espreita. Eles sabem disso;
7. Substituir decupagem direta do roteiro sempre que possível;

Exemplo: substituir “Close nos cadeados” por “GABRIEL OLHA para os cadeados e VÊ nomes de casais heterossexuais escritos”.

8. Cortar alguns monumentos mais hegemônicos no final, como Congresso, Palácio do Planalto e Supremo;
9. Inserir trilha em duas cenas (ponte e créditos).

Quarto tratamento

O quarto e último tratamento teve também como objetivo principal a redução do roteiro para possibilitar a gravação de um curta-metragem de, no máximo, 30 minutos. Atingiu 32 páginas, sendo 44 cenas divididas em oito sequências, representando uma redução total de 13 páginas e 21 cenas em relação ao primeiro tratamento.

As novas alterações foram as apresentadas abaixo:

1. Excluir ou reduzir cenas e diálogos que contribuem pouco com a narrativa;
2. Afinar diálogos para alcançar maior grau de coloquialidade e identidade com os personagens;
3. Unificar cenas que ocorrem nos mesmos espaços, em que os cortes não necessariamente contribuiriam com o fluxo da narrativa;
4. Inverter os papéis sugestionados de “ativo” e “passivo” na cena 25 para não fortalecer estereótipos e inserir um pequeno *plot twist* na narrativa;

5. Substituir o abraço demorado de despedida da cena 27 por um silêncio desconcertante, que reforça o conflito ao conduzir uma despedida tão pouco íntima quanto o primeiro contato, a despeito de todas as intensas experiências compartilhadas ao longo da noite;
6. Detalhar melhor a intenção de gestuais dos personagens, como o hábito de Pedro de segurar o pulso e não as mãos das pessoas, para que não sejam interpretados de maneira equivocada;
7. Tirar a característica de cor da pele branca dos personagens Pedro e Gabriel, pois o recorte não agregaria valor à narrativa e limitaria, sem necessidade, a diversidade do elenco e as possibilidades de representatividade dos personagens;
8. Explicitar a faixa etária do personagem idoso que encontra no estacionamento um espaço seguro para vivenciar espectros de sua sexualidade;
9. Redução das locações para a sequência de cortes finais no intuito de reduzir a duração/custo do filme.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira coisa que merece ser destacada ao concluir este projeto é que a experiência de escrever um roteiro foi extremamente prazerosa. A maior parte do tempo dedicada a essa etapa da produção diz respeito ao período de dois meses em que busquei definir melhor qual história queria contar. O enredo, a princípio amarrado à procura do conflito, girava em torno de um homem casado com mulher que, ao buscar uma experiência sexual homoafetiva foi surpreendido por uma proposta inusitada e acabou vivenciando algo mais íntimo e especial do que havia planejado inicialmente. A escrita, no entanto, não funcionava. Algo parecia não se encaixar. Sempre parecia artificial. Esse foi o momento mais agudo da produção que enfrentei, tendo considerado, por diversas vezes, desistir. Até que decidi mergulhar nas leituras pontuadas no memorial e rever os filmes que me inspiraram no começo. Entrar em contato com essas produções me fez encontrar rapidamente as respostas que procurava e desse processo nasceram os novos Pedro e Gabriel, com vida própria, que me ajudaram a contar essa história. Depois disso, iniciei e concluí um novo texto ao longo de uma imersão total de três dias, em que as ideias de locações, acontecimentos e diálogos borbulhavam em minha cabeça em ritmo acelerado. O resultado foi um longa-metragem com 45 páginas de roteiro.

Como o objetivo, desde o início, era produzir um curta-metragem, o segundo passo foi me debruçar sobre o tratamento do roteiro para atingir o tempo de filme adequado por meio de um intenso e cuidadoso processo de lapidação de cenas e diálogos. Com o apoio de professores e amigos que leram o roteiro e fizeram preciosas sugestões, somado a muito trabalho – e muita dor, pois os cortes são quase sempre penosos para quem escreve: tudo parece importante a princípio – consegui eliminar 21 cenas e reduzir o roteiro para 32 páginas que, lidas em voz alta, somam 28 minutos de narração.

Pela minha experiência, é possível concluir, portanto, que as duas principais etapas para a elaboração de um roteiro de curta-metragem são as que antecedem e sucedem a redação da primeira versão: a definição do escopo do filme e os tratamentos para lapidação da narrativa. A redação, em si, é um processo natural a partir do momento em que se tem clareza de quem são os personagens e da história que você deseja contar. No meu caso, a história de dois homens gays que saem em busca de sexo em Brasília e acabam encontrando alguém que consegue movimentar diversos

sentimentos dentro deles, mas que por medos, dúvidas e inseguranças de diversas ordens, optam por deixar aquela noite especial na memória: um lugar protegido do mundo e dos efeitos do tempo sobre as coisas. Como as maquetes de Brasília, protegidas por redomas de vidro.

Outra conclusão possível é que o conflito tradicional que move as narrativas pode ser explorado de outras maneiras. Seja pelo conflito interno apontado por Mckee, seja pelo *kishōtenketsu*: o não-conflito ou conflito não antagonico, é possível contar histórias em que as forças que movem as personagens são menos óbvias e violentas: a vida, o tempo e os sentimentos que carregamos podem ser nossos maiores antagonistas ou potências que nos conduzem a lugares diferentes de onde partimos, sem que, necessariamente, algo seja derrotado no caminho.

Também é importante registrar que, entre as devolutivas de pessoas que leram o roteiro e compartilharam suas impressões, apesar de perceberam a falta de um antagonismo mais marcado, gostaram do ritmo natural que a história segue e muitas disseram ter se identificado com os espaços visitados, com as experiências vivenciadas pelos personagens e pelos conflitos evidenciados por eles. Tais afirmações me permitem observar que os objetivos traçados inicialmente foram integralmente realizados, uma vez que, ao final, os personagens Pedro, Gabriel e Brasília parecem ter se mostrado capazes de retratar como os espaços em que existimos e as pressões dos tempos em que vivemos impactam profundamente como nos relacionamos com as pessoas, bem como nos apresentamos e somos vistos por elas.

Apesar dos retrocessos pontuados nas políticas de fomento à produção cultural no Brasil, e da escalada de conservadorismo que tem tentado trancar, novamente, as pessoas em seus armários, sinto que, ao término deste longo processo, *Antes que termine a noite* pode ser mais uma gota que se une às ondas de resistência formadas por aqueles que me antecederam ao mostrar que o nosso encontro e o nosso desejo são belos e devem ser celebrados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Pedro. Casamentos homoafetivos crescem 60% no DF, diz IBGE. **G1**, Brasília, 4 dez. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/12/04/casamentos-homoafetivos-crescem-60percent-no-df-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 4 dez. 2019.

BATE-BATE. Direção de Silvia Guerreiro. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2016. 1 Vídeo MP4 (9 min.).

CAMPOLI, Clara. Orgulho no balcão: casas gay friendly fazem questão de contratar LGBTs. **Metrópoles**, Brasília, 28 jun. 2019. Disponível em: <https://www.metropoles.com/gastronomia/orgulho-no-balcao-casas-gay-friendly-fazem-questao-de-contratar-lgbts>. Acesso em: 4 nov. 2019.

CARONE, Carlos. Vítima de homofobia, jovem sobrevive a 22 facadas no DF. **Metrópoles**, Brasília, 22 out. 2019. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/vitima-de-homofobia-jovem-sobrevive-a-22-facadas-no-df>. Acesso em: 4 nov. 2019.

CARONE, Carlos. No Parque da Cidade, ‘Floresta do Sussuro’ tem sexo em túneis e tráfico rotativo. **Metrópoles**, Brasília, 16 jan. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/video-no-parque-da-cidade-floresta-do-sussuro-tem-sexo-em-tuneis-e-trafico-rotativo>. Acesso em: maio 2021.

CARONE, Carlos. Com casas de swing fechadas, suruba rola solta no Parque da Cidade. **Metrópoles**, Brasília, 13 mar. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/com-casas-de-swing-fechadas-suruba-rola-solta-no-parque-da-cidade>. Acesso em: maio 2021.

CARONE, Carlos. Surubeiros do DF têm novo point: a Água Mineral. Veja fotos e vídeos. **Metrópoles**, Brasília, 20 mar. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/surubeiros-do-df-tem-novo-point-a-agua-mineral-veja-fotos-e-videos>. Acesso em: maio 2021.

CENSO GAY: Rio de Janeiro é a capital com mais gays e Manaus com mais lésbicas, diz pesquisa Mosaico Brasil. **MundoMais**, Brasília, 16 mar. 2009. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20110706153632/http://www.mundomais.com.br/exibemateria2.php?idmateria=334>. Acesso em: 4 nov. 2019.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro: teoria e prática**. 2. ed., rev., atual. e amp. São Paulo: Summus, 2009.

DF tem a maior taxa de relações gays registradas em cartório no país. **Veja Brasília**, Brasília, 2012. Disponível em:

http://www.sindinotars.org.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=1166:19022014-df-tem-a-maior-taxa-de-relacoes-gays-registradas-em-cartorio-no-pais-&catid=35:geral&Itemid=41. Acesso em: 4 nov. 2019.

DRIVE GOOGLE. Antes que termine a noite. 2021. Disponível em: <http://bit.ly/antesquetermineanoite>. Acesso em: maio 2021.

FELIPE, Moraes. Da UnB para o Brasil: filme “Afronte” retrata os negros gays do DF **Metrópolis**, Brasília, 03 dez. 2017. Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/cinema/da-unb-para-o-brasil-filme-afronte-retrata-os-negros-gays-do-df/amp>. Acesso em: 4 nov. 2019.

FIELD, Syd. **Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FREITAS, Conceição. Nós, brasilienses, temos um corpo singular. O corpo-Brasília. **Metrópolis**, Brasília, 29 jan. 2019. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas-blogs/conceicao-freitas/nos-brasilienses-temos-um-corpo-singular-o-corpo-brasilia>. Acesso em: 4 nov. 2019.

FREITAS, Conceição. O que Brasília me ensinou desde que nos conhecemos. **Metrópolis**, Brasília, 07 jan. 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/conceicao-freitas/o-que-brasilia-me-ensinou-desde-que-nos-conhecemos>. Acesso em: maio 2021.

GEHL, Jan. **Cidade Para as Pessoas**. São Paulo. Perspectiva. 2013.

GEPP, Debora. Brasil, o país da diversidade que mais mata LGBTQIA+. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15 jul. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2019/07/brasil-o-pais-da-diversidade-que-mais-mata-lgbtqia.shtml>. Acesso em: 4 nov. 2019.

GÓIS, João Bôsko Hora. Homossexualidades Projetadas. **Revista de Estudos Feministas**, vol.10, n. 2, p. 515-518, jul/dez, 2002.

GOVERNO lança edital de privatização do Parque da Cidade. **Metrópolis**. Agência Brasília, Brasília, 09 dez. 2016. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/governo-lanca-edital-de-privatizacao-do-parque-da-cidade>. Acesso em: maio 2021

HOJE Eu Quero Voltar Sozinho. Direção: Daniel Ribeiro. Produção: Daniel Ribeiro e Diana Almeida. Intérprete: Ghilherme Lobo e Fábio Audi. Roteiro: Daniel Ribeiro. São Paulo: Lacuna Filmes, 2014. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/70307130>. Acesso em: 1 maio 2021.

JUSTIÇA FEDERAL no RJ suspende portaria do governo Bolsonaro que impedia conclusão de edital da Ancine para produções LGBT. **G1**, Rio de Janeiro, 7 out. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/10/07/justica-federal-no-rj-suspende-portaria-do-governo-bolsonaro-que-impedia-conclusao-de-edital-da-ancine-para-producoes-lgbt.ghtml>. Acesso em: 4 nov. 2019.

KISHOTENKETSU: Trama sem conflito. 22 out. 2015. Disponível em: <http://sobreroteiroseroteiristas.blogspot.com/2015/10/kishotenketsu-trama-sem-conflito.html>. Acesso em: maio 2021.

KORTBAWI, Victoria. Minidoc trata sobre violência contra LGBT no DF; assista. **Agência de Notícias UniCEUB/Jornal de Brasília**, Brasília, 6 set. 2019. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/cidades/minidoc-trata-sobre-violencia-contralgbt-no-df-assista/>. Acesso em: 4 nov. 2019.

LISPECTOR, Clarice. Nos Começos de Brasília. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 jun. 1970. Disponível em: http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/mais_info.php?idVerbete=1257&idMaisInfo=140. Acesso em: 4 nov. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo estranho**: Ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. 3ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAIA, Ana; REPINA, Katia; AIMI, Luca. “Cruising”: sexo grátis, consensual e anônimo em locais públicos. **Público**, Portugal, 25 jul. 2016. Disponível em: <https://www.publico.pt/2016/07/25/p3/fotogaleria/cruising-sexo-gratis-consensual-e-anonimo-em-locais-publicos-385940>. Acesso em: 4 nov. 2019.

MARTINS, Thays. Bolsonaro diz que série sobre vida de jovens negros gays será recusada pela Ancine. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 16 ago. 2019. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/08/16/interna_politica,1077796/bolsonaro-diz-que-serie-sobre-a-vida-de-jovens-negros-gays-sera-recusa.shtml. Acesso em: 4 nov. 2019.

MCKEE, Robert. **Story**: Substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro. 5ª reimpressão. Curitiba: Arte & Letra, 2006.

MESQUITA, Marcus Vinicius Azevedo de. **Afronte**: negros gays no cinema. 2017. 70 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/18600>. Acesso em: 4 nov. 2019.

MISKOLCI, Richard. “Discreto e fora do meio”: Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 44, p. 61-90, jun/2015. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8637319/5035>. Acesso em: em: 6 nov. 2019.

MOLETTA, Alex. **Criação de curta-metragem em vídeo digital**: uma proposta para produções de baixo custo. 3. ed. São Paulo: Summus, 2009.

MORENO, Antônio. **A Personagem Homossexual no Cinema Brasileiro**. Rio de Janeiro: Funarte; Niterói: EdUFF, 2001.

NOGUEIRA, Carol. Sobre ser solteiro em Brasília. **Quadrado Brasília**. A cidade é do tamanho que a gente quer. Brasília, 16 out. 2013. Disponível em:

<https://quadradobrasilia.wordpress.com/2013/10/16/sobre-ser-solteiro-em-brasilia/>. Acesso em: maio 2021.

O QUE significa LGBTQIAP+?. [S. l.]: **Orientando**, [2019]. Disponível em: <https://orientando.org/o-que-significa-lgbtqiap/>. Acesso em: 4 nov. 2019.

OLIVEIRA, Letícia. Preconceito contra LGBTs: DF registra 31 ocorrências em quatro meses. **G1**, Brasília, 21 maio 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/05/21/preconceito-contralgbts-df-registra-31-ocorrencias-em-quatro-meses.ghtml>. Acesso em: 4 nov. 2019.

‘PENSEI que ia morrer’, diz jovem agredido com lâmpada na Paulista. **G1 SP**, com informações do Fantástico, São Paulo, 05 dez. 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/12/pensei-que-ia-morrer-diz-jovem-agredido-com-lampada-na-paulista.html>. Acesso em: mai. 2021.

PESSOA, L. A. DE F. Crítica ao conceito de amor líquido em Zygmunt Bauman. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 12, n. 18, 10 set. 2018.

PRADO, Adriana. ZYGMUNT BAUMAN: “Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar”. Revista **IstoÉ**, [S. l.], p. 1, 6 nov. 2019. Disponível em: https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+/. Acesso em: 1 nov. 2019.

PUTTI, Alexandre. Damares recebe grupo de ex-gays e psicólogos que defendem a cura LGBT. Brasília: **Carta Capital**, 8 ago. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/damares-recebe-grupo-de-ex-gays-e-psicologos-que-defendem-a-cura-lgbt/>. Acesso em: 4 nov. 2019.

RAMOS, Ana Júlia. **Visualize com mais clareza as suas ideias com ajuda de um moodboard**. [S. l.], 15 out. 2019. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/moodboard/>. Acesso em: 1 maio 2021.

REDDIT. **r/brasil** – Por que os brasileiros são tão frios? 2021. Disponível em: https://www.reddit.com/r/brasil/comments/657ds8/por_que_os_brasilienses_s%C3%A3o_t%C3%A3o_frios/. Acesso em: maio, 2021.

ROSSI, Elvio Antônio. **Cinema no Armário**: desconstruindo as representações das homossexualidades masculinas no cinema brasileiro. Porto Alegre, UFRGS, 2009. 64 f. Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero - Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

PORTA CURTAS. 2021. Estatísticas. Acompanhamento dos números do sistema. Disponível em: <https://www.portacurtas.org.br/estatisticas/>. Acesso em: maio, 2021.

SCHUQUEL, Thayná. STF encerra julgamento e criminaliza homofobia por 8 votos a 3. **Metrópoles**, Brasília, 13 jun. 2019. Disponível em:

<https://www.metropoles.com/brasil/justica/plenario-do-stf-retoma-julgamento-sobre-criminalizacao-da-homofobia>. Acesso em: 4 nov. 2019.

THE SIGNIFICANCE of plot without conflict. 15 jun. 2012. Disponível em: <https://stilleatingoranges.tumblr.com/post/25153960313/the-significance-of-plot-without-conflict>. Acesso em: maio 2021.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**. 4ª Edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor**. Rio de Janeiro: Editora nova fronteira. 2ª edição, 2006.

ANEXO I

Argumento – “Antes que termina a noite” ou “Me chama pra jantar”¹²

É noite e Pedro, brasiliense, 28 anos, decide parar no estacionamento do parque da cidade a procura de sexo com outros homens. Ele circula um pouco com o carro, vidros semiabertos, não encontra ninguém que chame sua atenção. Estaciona o carro, desce e caminha meio desconfiado até a floresta. Aos poucos, vai desaparecendo entre as árvores, na florestinha escura no coração de Brasília. Sombras caminham rapidamente de um lado para o outro e se aglomeram em duas, três, quatro, círculos e multidões. Sons de galhos se quebrando sob os passos, gemidos abafados, sons de corpos se chocando. Caminha por quase uma hora. É rejeitado por um cara, rejeita outro. Faz parte. Cansado e meio frustrado decide ir embora.

Ainda na floresta, caminha na direção do carro quando vê um homem andando no sentido oposto. Os olhos se cruzam e as rotas instantaneamente se alinham. Eram o número um do outro. Frente a frente, se olham, sorriso safado, se esfregam, se cheiram. O homem tenta beijá-lo, mas Pedro vira o rosto: “Não curto, cara”. O homem chega mais perto, abraça, morde o pescoço de Pedro e diz: “Desculpa. Eu vou te beijar”. Se encaram por alguns segundos. Se beijam.

Pedro encosta o homem em uma árvore, com força. Os dois se beijam e se amassam com violência. As mãos desvendam o corpo um do outro, invadem as roupas, os pelos, apertam, puxam. Pedro o vira e desce a boca pelas suas costas. Pessoas se aproximam. Eles vão pra outra árvore, num lugar ainda menos iluminado. Movimentos nas sombras e gemidos que vão ficando cada vez mais intensos na medida em que a imagem fica mais escura. Risadas. Silêncio.

“Eu vou indo, Pedro. Bateu a fome”. Riem novamente. “Vai lá, rapaz. Vou nessa também. Foi um prazer. Literalmente.” Mais risadas. “Tá de carro? Eu te acompanho”, diz o homem. “Não precisa”. “Comigo é serviço completo”, responde. Caminham devagar, braços colados, se esbarrando de propósito. Pedro encosta no carro, encara o homem de frente. Se abraçam. “Eu queria ter te conhecido de outro jeito. Te levar pra jantar. É assim que a gente faz no lugar de onde eu

¹² O argumento, que posteriormente se transformou em escaleta e roteiro de "Antes que termine a noite", possui divergências em relação ao último tratamento do roteiro. Consta neste memorial como apoio para possibilitar a análise de como a ideia inicial se transformou ao longo do processo de produção do roteiro.

venho”. Pedro ri e o encara por alguns segundos. “Me leva pra jantar, ué.” “Bora?”. “Vai na frente que eu te sigo”, dispara Pedro. E seguem.

Primeira parada: Dog da Igrejinha¹³, na 308 sul. É o preferido de Pedro. Fazem o pedido e sentam no banquinho, agora mais distantes. Não está fácil controlar o desejo e a vontade de se tocar. Pedro conta que é servidor público, ainda meio reservado, e que é apaixonado por aquele lugar. O homem se chama Gabriel. Conta que não mora em Brasília, está de passagem. Mora em Palmas. Apaixonado pela cidade, Pedro começa a se abrir na medida em que vai apresentando a cidade àquele homem que acabou de conhecer. Mostra o prédio onde dava uns amassos com a namorada. A escola parque onde estudava as quartas-feiras. O lugar onde ficava sozinho no recreio. Numa escada, na quadra modelo, para e arranca um beijo de Gabriel. “Eu nunca...” começa Gabriel. “Eu também não”, termina Pedro, beijando Gabriel novamente. E seguem. “Tá com tempo?”. “Todo seu”, diz Gabriel. E seguem numa pequena jornada pela madrugada, antes que a noite termine.

Param na praça dos Três Poderes. Descem do carro e caminham até a Pira da Pátria, que está fechada. Pedro, para o espanto de Gabriel, passa por baixo do cordão de isolamento e sobem. Se beijam lá em cima. Descem e seguem até o mastro da bandeira. Está bem escuro e silencioso. Se beijam. As mãos percorrem o corpo um do outro. Esfregam seus corpos. Medo e tesão. De um lado o Palácio do Planalto. Do outro o Supremo Tribunal de Justiça. Atrás o Congresso Nacional. Saem rindo. Braços nos ombros um do outro. Se conhecem há uma eternidade.

Entre um beijo e outro, um monumento e outro, um silêncio e outro, Pedro e Gabriel se conhecem, compartilham banalidades, confissões, sonhos e inseguranças, tendo como palco Brasília – amada, odiada, incompreendida, invejada e celebrada na mesma medida.

O sol nasce, por fim, para selar o fim de uma noite inesperada e inesquecível. Pedro e Gabriel se despedem e seguem caminhos diferentes. Dos momentos que compartilharam ficam apenas os registros na memória enquanto caminham em direção a estacionamentos diferentes. Cenas dos lugares visitados sob a luz dia encerram o filme.

¹³ Cujo nome é Dog do Raimundo, como tratado ao longo do texto e aqui situado pelo ponto de referência para facilitar a localização para o leitor.

ANEXO II

Escaleta - Antes que termine a noite - Primeiro tratamento

SEQUÊNCIA 1 – Pedro sai em busca de sexo no Parque da Cidade. *Objetivo: Apresentar os espaços de pegação, o público e o clima do lugar.*

Cena 1 - INT. CARRO DO PEDRO - NOITE

Pedro, 28 anos, dirige em uma vida do Parque da Cidade de Brasília. Ele vira à direita para acessar o estacionamento 2 ao lado do Pavilhão de Exposições.

Cena 2 - EXT. PISTA PARQUE DA CIDADE - NOITE

Vários carros transitam bem devagar pelo estacionamento com faróis desligados ou com a luz reduzida. Há muitos buracos e terra na pista. O lugar é pouco iluminado pela luz da lua e por postes com lâmpadas de cor alaranjada.

Cena 3 - INT. CARRO DO PEDRO - NOITE

Pedro entra no estacionamento, para o carro, reduz a luz dos faróis, abre os vidros parcialmente e aguarda outro veículo passar lentamente à sua frente. Pedro acelera novamente e circula devagar pelo estacionamento tentando enxergar as pessoas dentro dos carros e na floresta escura que fica ao lado.

Cena 4 - INT. CARRO DO PEDRO - NOITE

Pedro para o carro ao lado da floresta para tentar ver um grupo de homens reunidos embaixo de uma árvore, mas enxerga apenas os vultos. Um carro para ao seu lado e o motorista puxa conversa com Pedro, faz uma proposta de sexo, mas Pedro recusa e acelera o carro novamente.

Cena 5 - INT. CARRO DO PEDRO - NOITE

Pedro passa ao lado de um senhor vestido com um top e uma mina saia, com as laterais da calcinha visíveis na cintura, maquiado e usando uma peruca ruiva, apoiado em uma BMW antiga. Eles se encaram em silêncio e Pedro segue em frente com o carro.

Cena 6 - INT. CARRO DO PEDRO - NOITE

Pedro estaciona o carro próximo à floresta, desce e caminha até ela. Aos poucos vai desaparecendo entre as árvores, em direção ao local em que viu os homens reunidos.

Cena 7 - EXT. FLORESTA DOS SUSSURROS - NOITE

Pedro caminha entre as árvores. Está escuro. Enxerga sombras caminhando rapidamente em várias direções. Ruídos: sons de galhos se quebrando enquanto as pessoas caminham, gemidos abafados e sons de corpos se chocando.

SEQUÊNCIA 2 – Pedro não consegue encontrar ninguém que o interesse. Prestes a desistir, avista alguém, que também se interessa por ele. *Objetivo: Apresentar o universo excitante da Floresta dos Sussurros, a dinâmica muitas vezes desgastante da pegação e promover o encontro com outro homem (Gabriel).*

Cena 8 - EXT. FLORESTA DOS SUSSURROS - NOITE

Pedro se aproxima do grupo de homens que viu enquanto estava no carro. Um homem está sendo fodido enquanto outros assistem, se masturbando. Um deles tenta colocar a mão no pau de Pedro, que recusa e se afasta.

Cena 9 - EXT. FLORESTA DOS SUSSURROS - NOITE

Pedro vê um homem que o atrai parado embaixo de uma árvore. Caminha em direção dele e puxa conversa. O homem se afasta sem dizer uma palavra.

Cena 10 - EXT. FLORESTA DOS SUSSURROS - NOITE

Pedro caminha por algum tempo, mas não encontra ninguém que o interesse. Decide ir embora. No caminho, avista um homem que chama sua atenção. O homem percebe o interesse e eles ficam se encarando.

SEQUÊNCIA 3 – Pedro e o homem transam protegidos pelas árvores. O homem se apresenta, acompanha Pedro até o carro e o convida para jantar. *Objetivo: Mostrar como sexo casual pode ser íntimo/intenso ainda que não se saiba nem o nome do parceiro. Apresentar um Pedro mais fechado, porém receptivo, e um Gabriel interessado em furar esse bloqueio.*

Cena 11 - EXT. FLORESTA DOS SUSSURROS - NOITE

O homem caminha até Pedro, que faz o mesmo e para diante dele. Encaram-se, sorriem, se tocam e se cheiram.

Cena 12 - EXT. FLORESTA DOS SUSSURROS – NOITE

Gabriel tenta beijar Pedro, mas ele vira o rosto e diz não gostar. Gabriel volta a tocar Pedro, beija seu pescoço, até que Pedro cede e se beijam. [diálogo]

Cena 13 - EXT. FLORESTA DOS SUSSURROS - NOITE

Pedro conduz Gabriel até uma árvore mais afastada para terem mais privacidade. Pedro encosta Gabriel contra a árvore e se pegam quase com violência. Um vai despindo o outro.

Cena 14 - EXT. FLORESTA DOS SUSSURROS - NOITE

Alguns homens começam a se reunir em volta de Pedro e Gabriel. Pedro fica incomodado e leva Gabriel até outro lugar ainda mais afastado e menos iluminado. Agora é possível enxergar apenas as sombras e uma delas se ajoelha. A imagem sobe em direção ao céu enquanto se escuta os gemidos grossos se intensificarem.

Cena 15 - EXT. FLORESTA DOS SUSSURROS - NOITE

Pedro e Gabriel estão abraçados em silêncio, com a respiração ofegante. Gabriel ri e finalmente se apresenta dizendo seu nome. Conversam amenidades e Gabriel se oferece para acompanhar Pedro até o carro. [diálogo]

Cena 16 - EXT. FLORESTA DOS SUSSURROS - NOITE

Pedro e Gabriel caminham devagar até o carro, com os braços colados e se esbarrando de propósito. Encostam no carro, se encaram e se abraçam. Gabriel convida Pedro para jantar. [diálogo]

Cena 17 - EXT. FLORESTA DOS SUSSURROS - NOITE

Pedro e Gabriel caminham em direção ao carro de Gabriel. Entram no carro. [diálogo]

Cena 18 - EXT. PISTA PARQUE DA CIDADE - NOITE

Imagem aérea mostra o carro de Gabriel deixando o estacionamento, já praticamente vazio.

SEQUÊNCIA 4 – Gabriel leva Pedro para comer um cachorro-quente. Pedro já conhece o lugar e diz que aquela é sua quadra preferida. Gabriel revela que mora em outra cidade e pede a Pedro que mostre porque gosta de lá. *Objetivo: Começar a apresentar o universo particular de cada personagem à medida que vão se abrindo a partir dos lugares que gostam. Retratar o interesse/química/desejo que existe entre eles.*

Cena 19 - EXT. PRAÇA DA IGREJINHA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA - NOITE

Gabriel estaciona o carro em frente à praça da Igreja Nossa Senhora de Fátima, na 308 sul. Descem do carro. Gabriel diz a Pedro que será a melhor comida que ele já experimentou. [diálogo]

Cena 20 - EXT. PRAÇA DA IGREJINHA - NOITE

Gabriel e Pedro caminham até o "Dog do Raimundo" na esquina da quadra. Gabriel vai à frente enquanto Pedro o observa.

Cena 21 - INT. DOG DO RAIMUNDO - NOITE

O Dog do Raimundo está lotado, com todas as mesas ocupadas. Gabriel e Pedro entram na fila. Há um casal heterossexual abraçado na frente deles. Pedro olha fixamente para Gabriel sem que ele perceba. Quando Gabriel se volta para Pedro ele desvia o olhar. Gabriel diz que o lanche será por sua conta. [diálogo]

Cena 22 - INT. DOG DO RAIMUNDO - NOITE

Gabriel e Pedro fazem o pedido e rapidamente são chamados. Ao pedir o cachorro-quente sem atum, Pedro denuncia que já conhecia o lugar. [diálogo]

Cena 23 - EXT. PRAÇA DA IGREJINHA - NOITE

Pedro e Gabriel se sentam em um banquinho atrás da tenda do Dog do Raimundo. Conversam amenidades de maneira bem-humorada, mas sem dar muitos detalhes pessoais. Gabriel revela que não mora em Brasília. Pedro conta que aquele é seu lugar favorito na cidade. [diálogo]

Cena 24 - EXT. PRAÇA DA IGREJINHA - NOITE

Ao terminarem de comer, Pedro chama Gabriel para irem embora. Gabriel pede que ele mostre porque gosta tanto daquela quadra. [diálogo]

SEQUÊNCIA 5 – Pedro apresenta seus lugares favoritos a Gabriel e compartilha histórias íntimas. Eles conversam sobre Brasília e divergem sobre a cidade. *Objetivo: Apresentar mais intimamente os personagens. Suas visões sobre Brasília revelam detalhes importantes de quem são, como agem e o que pensam. A cada passo os personagens se abrem e se sentem mais atraídos.*

Cena 25 - EXT. PRAÇA DA IGREJINHA - NOITE

Pedro e Gabriel caminham em direção a Igrejinha. Pedro segue na frente e Gabriel o observa.

Cena 26 - EXT. PRAÇA DA IGREJINHA - NOITE

Pedro e Gabriel param em frente a Igrejinha. Pedro conta por que gosta dela. Gabriel pergunta se Pedro fez a primeira comunhão e conta uma história cômica sobre o dia em que tentou provar a hóstia, fazendo Pedro chorar de rir. [diálogo]

Cena 27 - EXT. PRAÇA DA IGREJINHA - NOITE

Pedro e Gabriel caminham pela praça em direção à quadra modelo de Brasília. Pedro conta que costumava namorar por ali e relata uma história nostálgica sobre sua infância, que acaba levando a um papo sobre desejo e sexualidade. [diálogo]

Cena 28 - EXT. PARQUE DOS COGUMELOS - NOITE

Pedro e Gabriel chegam ao "Parque dos Cogumelos". Há várias árvores tortuosas com troncos grossos e raízes aparentes, um campo circular de areia com quatro degraus redondos – os cogumelos de concreto. Eles brincam nas estruturas de concreto e compartilham seu olhar sobre Brasília: beleza versus solidão. Pedro é apaixonado pela cidade e Gabriel acha a cidade fria e asséptica. [diálogo]

Cena 29 - EXT. PILOTIS DO BLOCO D - NOITE

Pedro leva Gabriel até o Bloco D e mostra os azulejos que estão faltando para ilustrar seu argumento de que as coisas não são perfeitas em Brasília – e que são ainda bonitas por isso. A cidade é uma metáfora que ambos estão usando para falar de si mesmos e de seus sentimentos. [diálogo]

Cena 30 - EXT. ESCADA DE ACESSO AO BLOCO D - NOITE

Pedro conduz Gabriel até a escada que dá acesso ao piso inferior da quadra e beija Gabriel. Eles estão protegidos pelas paredes da escada e pelas plantas volumosas do jardim. [diálogo]

Cena 31 - EXT. BANCA DA CONCEIÇÃO - NOITE

Pedro mostra a Banca da Conceição a Gabriel. Gabriel pede que Pedro o fotografe em frente à banca para ter um registro seu sob o olhar de Pedro. [diálogo]

Cena 32 - INT. CARRO DO GABRIEL - NOITE

Pedro e Gabriel retornam ao carro e Pedro revela que gostaria de mostrar outro lugar a Gabriel, que aceita, animado, o convite. [diálogo]

SEQUÊNCIA 6 – Pedro leva Gabriel até a Pira da Pátria. No alto, eles fumam um baseado e Pedro acaba revelando que sua mãe se suicidou quando ele era pequeno. Eles seguem explorando a área e fodem novamente no Mastro da Bandeira. *Objetivo: Apresentar um Pedro mais doce e carinhoso. Mostrar que Pedro já está totalmente entregue apesar de suas inseguranças e Gabriel está cada vez mais interessado.*

Cena 33 - INT. CARRO DO GABRIEL - NOITE

Gabriel dirige pela via S2. Pedro dá as coordenadas. Está escuro e deserto. Em determinado momento Pedro segura a mão de Gabriel enquanto ele dirige. [diálogo]

Cena 34 - EXT. VIA DE ACESSO AO PANTEÃO DA PÁTRIA - NOITE

A pedido de Pedro, Gabriel entra em uma via estreita de terra e mal iluminada. O tom alaranjado se assemelha ao das luzes do Parque da Cidade.

Cena 35 - EXT. ESTACIONAMENTO PIRA DA PÁTRIA - NOITE

Gabriel estaciona em frente à Pira e ao Panteão da Pátria. Eles descem do carro e observam o lugar. Está deserto e silencioso.

Cena 36 - EXT. PIRA DA PÁTRIA - NOITE

Há uma pequena grade colocada em frente à escada de acesso à Pira da Pátria. Pedro retira a grade e chama Gabriel para subir. Gabriel o acompanha com excitação. [diálogo]

Cena 37 - EXT. PIRA DA PÁTRIA - NOITE

Gabriel chega ofegante ao topo da Pira. Eles riem. [diálogo]

Cena 38 - EXT. PIRA DA PÁTRIA - NOITE

Pedro e Gabriel examinam o lugar e observam a vista. Sozinhos, se beijam lá em cima. Gabriel tira uma foto panorâmica da Esplanada. Gabriel acende um baseado e se senta sobre a mureta, convidando Pedro a fazer o mesmo. Pedro aceita o baseado, mas não se senta ao seu lado. Ele conta a Gabriel que sua mãe se matou quando era criança, se atirando da janela do apartamento onde moravam. [diálogo]

Cena 39 - EXT. GRAMADO DO PANTEÃO - NOITE

Pedro e Gabriel caminham pelo gramado ao lado do Panteão. Gabriel encosta Pedro em uma das grandes paredes de mármore e o beija. Pedro o conduz até o Mastro da Bandeira. Caminham abraçados e rindo.

Cena 40 - EXT. MASTRO DA BANDEIRA - NOITE

Pedro e Gabriel examinam a base do Mastro. Há algumas luzes, mas ainda é escuro e é possível ouvir o som e avistar um carro descendo pela N1. [diálogo]

Cena 41 - EXT. MASTRO DA BANDEIRA - NOITE

Pedro e Gabriel estão entre as grades do mastro. Conversam sobre amenidades, riem. Pedro beija Gabriel suavemente. Eles se abraçam. Pedro vira Gabriel de costas e beija sua nuca, o abraçando mais forte. Respiram profundamente. A imagem vai ficando desfocada enquanto é possível escutar o som da respiração ficando mais ofegante e pequenos gemidos abafados. A imagem vai subindo em direção à bandeira e volta ao foco quando a alcança. [diálogo]

SEQUÊNCIA 7 – Pedro e Gabriel retornam ao Parque da Cidade. O sol está nascendo. Chega a hora da despedida. *Objetivo: Mostrar que, apesar da noite incrível que tiveram, não há garantias de que se verão novamente.*

Cena 42 - INT. CARRO DO GABRIEL - NOITE

O carro de Gabriel está parado no estacionamento 10 do Parque da Cidade. Pedro e Gabriel se beijam com carinho.

Cena 43 - EXT. PARQUE DA CIDADE - NOITE

Pedro e Gabriel descem do carro e caminham, abraçados e em silêncio, em direção à Ponte dos Cadeados.

Cena 44 - EXT. PONTE DOS CADEADOS - NOITE

O sol está começando a nascer e colorir o céu de laranja. Há uma ponte com vários cadeados pendurados na grade de proteção. Vários patos estão dormindo reunidos no lago. É possível ver a Torre de TV no horizonte e há sons de pássaros cantando. Gabriel olha para os cadeados. A imagem foca em nomes de casais heterossexuais escritos nos cadeados. Ambos se apoiam na grade observando a vista. Surge o assunto da partida de Gabriel. [diálogo]

Cena 45 - EXT. PONTE DOS CADEADOS - DIA

O sol continua subindo no horizonte enquanto Pedro e Gabriel se abraçam demoradamente. Despedem-se e cada um caminha para um lado em direção aos seus carros. [diálogo]

Cena 46 - EXT. PONTE DOS CADEADOS - DIA

Imagem de cima mostra Pedro e Gabriel se distanciando na medida em que caminham em sentidos opostos.

SEQUÊNCIA 8 – Sucessão de imagens rápidas dos lugares de Brasília visitados por Pedro e Gabriel e outros pontos da cidade. *Objetivo: Acentuar o clima de nostalgia e revelar como alguns lugares são banais sob a luz do dia: a beleza estava no encontro.*

Cena 47 - EXT. DOG DO RAIMUNDO - DIA

Imagem da calçada que dá acesso ao Dog do Raimundo, com tudo desmontado.

Cena 48 - EXT. IGREJINHA - DIA

Imagem da porta lateral estreita que dá acesso à Igrejinha. Imagem de uma pessoa em situação de rua dormindo em frente à porta da frente da igreja, com um cachorro ao lado, coberta por um cobertor gasto.

Cena 49 - EXT. ESCOLA PARQUE - DIA

Imagem do canto em que Pedro contou que ficava sozinho no intervalo (IMAGEM 12).

Cena 50 - EXT. PARQUE DOS COGUMELOS - DIA

Imagem de crianças uniformizadas brincando nos cogumelos de concreto. Imagem do tronco de uma árvore. Imagem do tronco de outra árvore.

Cena 51 - EXT. BLOCO F - DIA

Imagem da fachada colorida do Bloco F com espelho d'água na entrada.

Cena 52 - EXT. BLOCO D - DIA

Imagem do pilotis do Bloco D com azulejos quebrados. Imagem da escada de acesso ao bloco D.

Cena 53 - EXT. BANCA DA CONCEIÇÃO - DIA

Imagem da Conceição abrindo sua banca.

Cena 54 - EXT. JARDIM DE INFÂNCIA - DIA

Imagem das crianças entrando no Jardim de Infância.

Cena 55 - EXT. ENTRADA DA QUADRA SQS 108 - DIA

Imagem da placa da SQS 108.

Cena 56 - EXT. BIBLIOTECA - DIA

Imagem da Biblioteca.

Cena 57 - EXT. PIRA DA PÁTRIA - DIA

Imagem da vista da Pira para o sol nascendo na Ponte JK. Imagem do vigia colocando de volta a grade na escada da Pira.

Cena 58 - EXT. PANTEÃO DA PÁTRIA - DIA

Imagem do vitral de Marianne Peretti do Panteão.

Cena 59 - EXT. MASTRO DA BANDEIRA - DIA

Imagem do mastro com vários carros passando ao fundo nas vias S1 e N1.

Cena 60 - EXT. PALÁCIO DO PLANALTO - DIA

Imagem dos dragões da Independência trocando de turno.

Cena 61 - EXT. CONGRESSO NACIONAL - DIA

Imagem do espelho d'água do Congresso Nacional.

Cena 62 - EXT. SUPREMO - DIA

Imagem de pombos sobre a escultura A Justiça em frente ao Supremo.

Cena 63 - EXT. FLORESTA DOS SUSSURROS - DIA

Imagem de um homem sentado sobre uma caixa de esgoto entre as árvores, fumando um cigarro.

Cena 64 - EXT. ESTACIONAMENTO 2 DO PARQUE DA CIDADE - DIA

Imagem de três carros estacionados distantes um do outros. Dois homens conversam encostados na porta de um dos carros, próximo às árvores.

Cena 65 - TELA PRETA E TEXTO DO TREVISAN SOBRE VAGALUMES. FIM.

ANEXO III

Proposta de arte de capa

O publicitário e designer Tiago Vaz leu o roteiro e foi brifado por mim para desenvolver uma proposta de arte de capa para *Antes que termine a noite*.

A fonte escolhida para o título, naturalmente, foi a Helvetica, que é a fonte tombada das placas de identificação espalhadas por Brasília. Na arte, ela foi estilizada em uma versão Neue (condensada) e com um peso mais leve (Thin). Também foi feito um corte no título para criar uma referência visual para o “fim”, que é uma das temáticas do filme. Não por acaso, o corte é feito na horizontal e remete ao horizonte, onde o sol nasce e se põe.

antes que termine a noite

SALVERINU PICTURES AND BEAMIRSKADS PICTURES PRESENT A TRILASOSA/OMUKKOA PICTURES PRODUCTION A ODY POOW FILM ADILE NGHEKIL KRINA DWAMD OJE RINGKSR
BERTO AS NOEA EKRAMDS DIEOW JGHRKA AND POERNANSJRMA "DUMELAVBTMO" NEMA ENRMDARIAMD BASED ON CHARACTERS BY LEIG KEALSIN POLA EKAI FGDADI ENAS
EDITED BY LKL IALS AKI KAILAL PRODUCTION DESIGNER FLOHI SPITH DIRECTOR OF PHOTOGRAPHY POAN OHEFNKRJIN ASC EXECUTIVE PRODUCERS OLANY EMBLKN AMI OUEJSI
PRODUCED BY JIENI NEMANGI QUINN NIANG JER ROAN OAKE ONASG STORY BY DAIM MANEJE AND METB HAKON SCREENPLAY BY OLANNFRNAN AND JUNH OIALNMI DIRECTED BY STIDERIC RETSOP

antes que termine a noite



SALVERINU PICTURES AND BEAMIRSKADS PICTURES PRESENT A TRILASOSA/OMUKKOA PICTURES PRODUCTION A ODY POOW FILM ADILE NGHEKIL KRINA DWAMD OJE RINGKSR
 BERTO AS NOEA EKRAMDS DIEOW JGHRKA AND POERNANSJRMA "DUMELAVBTMO" NEMA ENRMDARIAMD BASED ON CHARACTERS BY LEIG KEALSIN POLA EKAI FGDADI ENAS
 EDITED BY LKL IALS AKI KAILAL PRODUCTION DESIGNER FLOHI SPITH DIRECTOR OF PHOTOGRAPHY POAN OHEFNKRJN ASC EXECUTIVE PRODUCERS OLANY EMFLKON AMI OUEJSI
 PRODUCED BY JIENI NEMANGI QUINN NIANG JER ROAN OAKE ONASIG STORY BY QAIM MANEJE AND METB HAKON SCREENPLAY BY OLANNFRNAN AND JUNH OIALNMM DIRECTED BY STIDERIC RETSOP

ANEXO IV

Ensaio fotográfico das locações para confecção de *Moodboard*¹⁴ – parte I

Fotos: Bárbara Martins

- Estacionamento número 2 do Parque da Cidade

- Floresta dos Sussurros do Parque da Cidade

- Dog do Raimundo - 308 sul

- Igreja Nossa Senhora de Fátima (Igrejinha) - 308 sul

- Praça dos Cogumelos da quadra modelo - 308 sul

- Escadinha - 308 sul

¹⁴ “O *moodboard* é uma espécie de mural que pode ser composto por imagens, vídeos e elementos visuais que representam a essência de um projeto.” (RAMOS, 2019).















Ensaio fotográfico das locações para confecção de *Moodboard* – parte II

Fotos: Tiago Vaz

- Panteão da Pátria - Praça dos Três Poderes

- Pira da Pátria - Praça dos Três Poderes

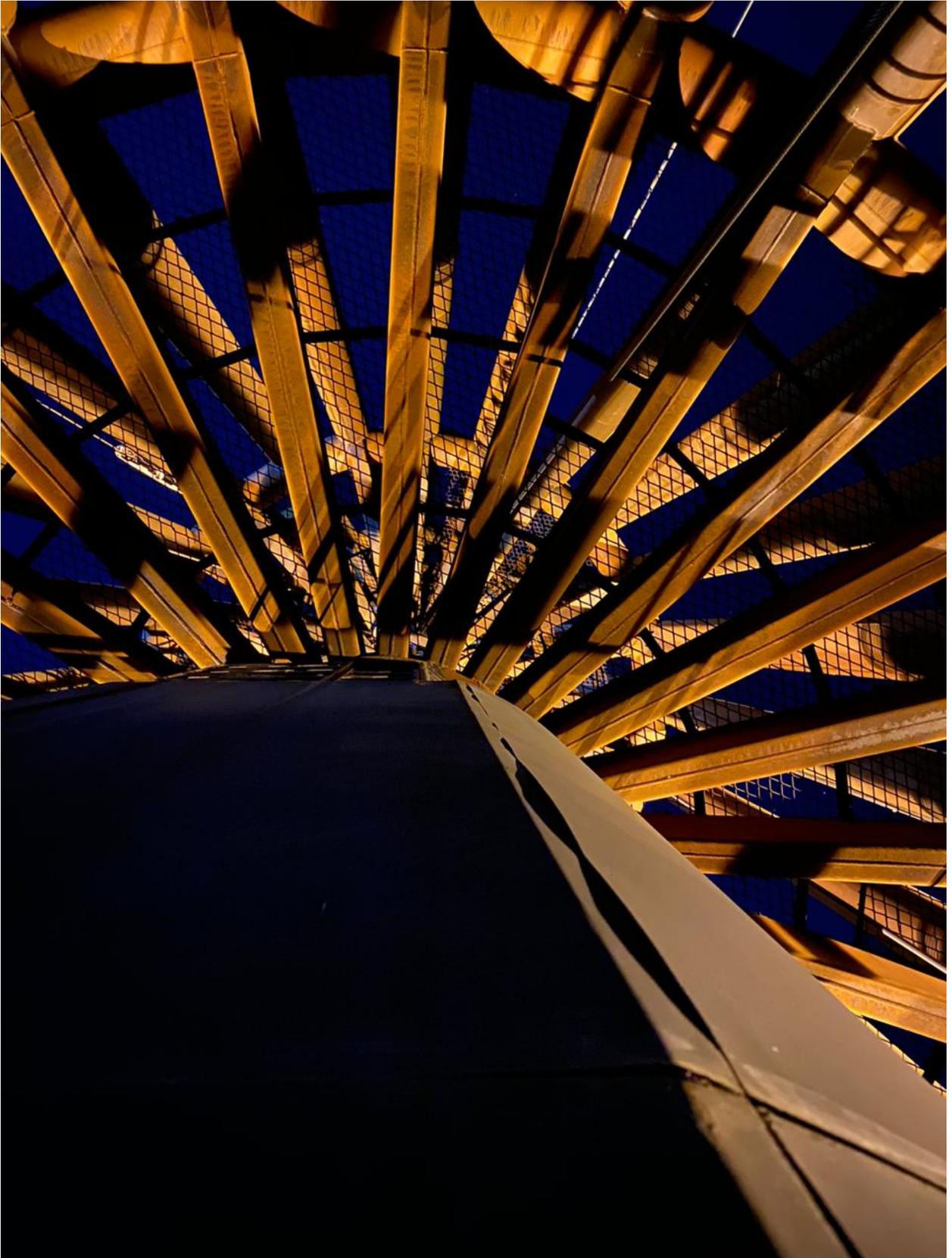
- Mastro da Bandeira Nacional - Praça dos Três Poderes











Ensaio fotográfico das locações para confecção de *Moodboard* – parte III

Fotos: Marcos França

- Vista do nascer do sol da Ponte dos Cadeados do Parque da Cidade

